

Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

Inês Gomes Cerejo

Lisboa, julho de 2018



Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

Inês Gomes Cerejo

Relatório apresentado para a obtenção do grau de  
Mestre em Educação Pré-Escolar, sob a orientação  
da Professora Doutora Diana Boaventura

Lisboa, julho de 2018



## Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo) DIANA MENDES BOAVENTURA

coorientador/a (nome completo) 7

tendo presente o Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a, ....

INÊS GOMES CEREJO

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em EDUCAÇÃO PRÉ-

- ESCOLAR

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 10 de julho de 2018

O/A Orientador/a



(Assinatura)

## **Agradecimentos**

A apresentação deste relatório é o resultado de um intenso e contínuo trabalho e desde já agradeço a todas as pessoas que contribuíram para este percurso. A minha maior homenagem e agradecimento destina-se aos meus pais, pois foram eles os pilares da minha formação académica, dos meus princípios e dos meus valores. Como tal, sou inteiramente grata pela educação que me deram, pelo incentivo, por me fazerem ver que a vida é simples, mas não é fácil e, especialmente, pelo amor. Indubitavelmente, ser estudante foi uma benção que eles me proporcionaram.

Expresso, também, um singular agradecimento pelo incentivo e disponibilidade à minha orientadora científica Professora Doutora Diana Boaventura, pela exigência e rigor que me fizeram melhorar os conteúdos desta reflexão, bem como a todos os professores e professoras da Escola Superior de Educação João de Deus, em especial, ao Professor Doutor José de Almeida pelos seus ensinamentos e dedicação, e à Professora Doutora Filomena Caldeira por me ensinar a jamais deixar de acreditar que com trabalho e amor tudo é possível. Muito obrigada!

A toda a equipa da Escola Superior de Educação João de Deus, a todos os Jardins-Escola João de Deus onde estagiei, merecem a minha gratidão por todo o apoio prestado durante estes anos.

À Daniela Arrojado por todos os conselhos, pela total disponibilidade de todas as horas e em todos os momentos desde o primeiro dia, pela nossa humilde e honesta parceria e pela amizade, muito obrigada.

À Geninha, por ser um dos meus melhores exemplos do que é um verdadeiro Ser Humano. Por me fazer acreditar no amor, no profissionalismo e nos sonhos, porque estes podem “voar do palco”. Obrigada por tudo!

À minha irmã, pela paciência. Obrigada!

Às minhas colegas, à Maria Luciana Paredes, Carolina Costa, Daniela Grilo, Soraia Adão, Leonor Raimundo e Jéssica Garcês. Ao Tiago e ao Rodrigo. À família Gomes e Cerejo, ao Guilherme.

Obrigada!

## Resumo

Este relatório apresenta os estágios realizados durante o período compreendido entre de outubro de 2016 e fevereiro de 2018, inseridos nas unidades curriculares de Prática Profissional I, II e III do Mestrado em Educação Pré-Escolar realizado na Escola Superior de Educação João de Deus. O presente relatório inclui as minhas experiências de ensino aprendizagem realizadas e observadas na Educação Pré-Escolar.

Numa primeira parte é feita uma breve introdução onde se definem os objetivos deste relatório, e onde se aborda a importância da prática profissional, a identificação e contextualização das escolas onde realizei a prática pedagógica e a calendarização da mesma.

O primeiro capítulo é destinado aos Relatos de Estágio Profissional. Nele são apresentados dez relatos da prática pedagógica, sendo que sete desses relatos são de observações de situações significativas lecionadas pelas educadoras titulares e colegas de estágio, e três dos relatos correspondem a atividades planificadas e realizadas por mim, abrangendo as várias áreas curriculares, bem como as diferentes faixas etárias.

O segundo capítulo é reservado às Planificações, onde é feita uma reflexão sobre o que é planificar e a importância de o fazer. Nele são apresentadas seis atividades planificadas e realizadas durante a prática profissional nas diferentes escolas, inseridas nas diferentes áreas curriculares da Educação Pré-Escolar e faixas etárias.

O terceiro capítulo apresentado corresponde aos Dispositivos de Avaliação onde reforço a importância da avaliação formativa nestas faixas etárias e apresento três atividades realizadas com crianças nas faixas etárias da Educação Pré-Escolar. Avalio as mesmas analisando as aprendizagens, as capacidades, as destrezas e atitudes.

No quarto capítulo e último, do Relatório de Estágio, apresento uma proposta de trabalho de projeto que objetiva a interdisciplinaridade nas várias áreas curriculares da Educação Pré-Escolar. Para a realização desta proposta escolhi um tema relacionado com a educação ambiental cujo o nome é “Quem recicla, amigo é”.

Por fim, efetiva-se uma perspetiva final sobre todo o trabalho realizado no presente relatório e sobre o valor da sua importância na minha formação enquanto futura educadora. Após esta reflexão crítica final são apresentadas as referências bibliográficas que utilizei para a elaboração do relatório tal como todos os anexos.

**Palavras-Chave:** Relatório de Estágio Profissional, Interdisciplinaridade, Educação Pré-Escolar.

## Abstract

This report refers to the internships realized during the period between October 2016 and February 2018, as an integral part of the curricular units Professional Practice I, II and III, that integrate the Master's program of Pre-school Education, of Escola Superior de Educação João de Deus. The present report includes my experiences, acquired knowledge and observations in Pre-school Education.

In the first part a brief introduction is made, where the goals of this report are established, and where is mentioned the importance of the professional practice, identification and contextualization of the institutions where I realized my pedagogical practices and respective time frame.

The first chapter includes the Professional Internship's Registrations. These registrations present ten descriptions of pedagogical practice and colleagues, being seven of those descriptions about significative situations taught by the head educators, in an educative context, which I observed; and the three other descriptions about activities that I planned and realized, comprehending various curricular areas and different age groups.

The second chapter covers the Planning, where a reflection about what is the planning and its importance is made; six planned activities are presented, which were realized during the professional practice in different institutions, within the different curricular areas of Pre-school Education and age groups.

The third chapter presents the Evaluation Devices, where the significance of formative evaluation for this age groups is reinforced and present three activities realized with children in the age groups of Pre-school Education. I evaluate them by analysing their knowledge achievement, capacities, dexterity and attitudes.

In the fourth and last chapter of this Internship Report, I present a project proposal that aims the interdisciplinarity with the various curricular areas of Pre-school Education. For the accomplishment of this proposal, I chose a theme related with environmental education, which name is "Who recycles, friend is".

At last, I realize a final perspective over the effected work in the present report, about the value and importance of my academic education.

After a final critical reflection, I present the bibliographical references that I made use of, for the formulation of the report, as well as all the attachments.

**Keywords:** Professional Internship Report, Interdisciplinarity, Pre-school Education.

## Índice Geral

Índice de Quadros.....	X
Índice de Figuras .....	XI
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Relatos de Estágio.....	5
1.1. Descrição do capítulo .....	6
1.2. Relatos .....	6
1.2.1. Relato de Estágio 1 .....	6
1.2.2. Relato de Estágio 2.....	8
1.2.3. Relato de Estágio 3.....	9
1.2.4. Relato de Estágio 4.....	12
1.2.5. Relato de Estágio 5.....	13
1.2.6. Relato de Estágio 6.....	16
1.2.7. Relato de Estágio 7 .....	17
1.2.8. Relato de Estágio 8.....	19
1.2.9. Relato de Estágio 9.....	21
1.2.10. Relato de estágio 10.....	24
CAPÍTULO 2 – Planificações .....	26
2.1. Descrição do capítulo .....	27
2.2. Fundamentação teórica .....	27
2.3. Planificações em quadro.....	28
2.3.1. Planificação do Domínio da Matemática.....	28
2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática.....	30
2.3.3. Planificação da Área da Expressão e Comunicação .....	31
2.3.4. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo .....	32
2.3.5. Planificação da Área do Conhecimento do mundo .....	34
2.3.6. Planificação da Área Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	36
CAPÍTULO 3 - Dispositivos de Avaliação.....	38
3.1. Descrição do capítulo .....	39
3.2. Fundamentação Teórica.....	39
3.3. Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	40
3.3.1 Contextualização da atividade.....	40
3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	41
3.3.3. Apresentação e análise de resultados.....	42



3.4.	Avaliação da atividade do Domínio da Matemática.....	44
3.4.1.	Contextualização da atividade.....	44
3.4.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	44
3.4.3.	Apresentação e análise de resultados.....	45
3.5.	Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo .....	47
3.5.1.	Contextualização da atividade.....	47
3.5.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	47
3.5.3.	Apresentação e análise de resultados.....	49
CAPÍTULO 4 - Apresentação de um projeto .....		50
4.1.	Introdução ao Projeto .....	51
4.2.	Fundamentação Teórica do Projeto.....	52
4.2.1.	O Trabalho de Projeto .....	52
4.2.2.	A Educação Ambiental .....	53
4.3.	Desenvolvimento do projeto .....	54
4.3.1.	Problema.....	54
4.3.2.	Problemas parcelares .....	54
4.3.3.	Destinatários .....	54
4.3.4.	Entidades envolvidas .....	54
4.3.5.	Motivação e Negociação .....	54
4.3.6.	Objetivos Gerais.....	55
4.3.7.	Objetivos Específicos .....	55
4.3.8.	Planeamento .....	56
4.3.9.	Recursos.....	59
4.3.10.	Produtos finais.....	59
4.3.11.	Avaliação.....	60
4.3.12.	Calendarização.....	60
4.4.	Considerações Finais do Trabalho de Projeto .....	61
Reflexão Final.....		62
Referências Bibliográficas .....		65
Anexos .....		70

# Índice de Quadros

Quadro 1 .....	3
Quadro 2.....	4
Quadro 3 .....	4
Quadro 4.....	28
Quadro 5 .....	30
Quadro 6.....	31
Quadro 7 .....	32
Quadro 8.....	34
Quadro 9 .....	36
Quadro 10.....	40
Quadro 1 1.....	42
Quadro 12.....	45
Quadro 13 .....	48
Quadro 14.....	60

# Índice de Figuras

Figura 1 -Recipientes de reciclagem.....	8
Figura 2 - Criança a realizar a separação de uma embalagem de vidro .....	8
Figura 3 - Fotografia da pintura livre referente à atividade “As Quatro estações de Vivaldi” .....	10
Figura 4 - Exemplo de uma placa de jogo.....	14
Figura 5 - Exemplar de um exercício .....	20
Figura 6 - Exemplo do grafismo realizado.....	22
Figura 7 - Primeira etapa do grafismo.....	22
Figura 8 - Segunda etapa do grafismo.....	22
Figura 9 - Terceira e última fase do grafismo.....	22
Figura 10 - Exemplo de um gráfico realizado por uma criança de 3 anos .....	24
Figura 11 - Gráfico com os resultados da avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	43
Figura 12 – Gráfico com a avaliação da proposta de atividade do domínio da Matemática .....	46
Figura 13 - Gráfico com a avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo .....	49

# Introdução

A construção do presente relatório enquadra-se no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional I, II e III do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação João de Deus e realizado na mesma instituição. O relatório encontra-se dividido em quatro capítulos: Relatos de Estágio, Planificações, Dispositivos de Avaliação e a apresentação de um Projeto. No final, são feitas as respetivas Considerações Finais deste relatório.

Enquanto futura docente, considero a função de estagiária muito importante para a minha formação profissional, uma vez que, só é possível crescer na profissão se existir uma ligação entre a teoria aprendida e a prática. O mesmo pensamento está subjacente no segundo o decreto de lei n.º 79/2014, de 14 de maio, pode ler-se:

- 1 - A iniciação à prática profissional organiza-se de acordo com os seguintes princípios:
- a) Inclui a observação e colaboração em situações de educação e ensino e a prática supervisionada na sala de atividades ou na sala de aula, nas instituições de educação de infância ou nas escolas;
  - b) Proporciona aos formandos experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula;
  - c) Realiza-se em grupos ou turmas dos diferentes níveis e ciclos de educação e ensino abrangidos pelo grupo de recrutamento para o qual o ciclo de estudos prepara, devendo, se necessário, realizar-se em mais de um estabelecimento de educação e ensino, pertencente, ou não, ao mesmo agrupamento de escolas ou à mesma entidade titular, no caso do ensino particular ou cooperativo;
  - d) É concebida numa perspetiva de formação para a articulação entre o conhecimento e a forma de o transmitir visando a aprendizagem;
  - e) É concebida numa perspetiva de desenvolvimento profissional dos formandos e promove nestes uma atitude orientada para a permanente melhoria da aprendizagem dos seus alunos.

Assim sendo, para que haja uma relação entre a teoria e a prática de qualquer bom docente é necessário aliar o bom senso aliado à humildade e à vontade de aprender. É, efetivamente, a prática e a variedade de experiências que nos são proporcionadas ao longo do processo de aprendizagem que nos permitem ter a visão mais ampla do nosso futuro. Segundo Estanqueiro (2010, p.10), “Não há respostas simples, nem fórmulas mágicas. Não há um perfil único de bom professor. Mas há boas práticas educativas, que revelam equilíbrio entre a tradição e a inovação”.

Esta reflexão conduz à linha de pensamento com a qual me identifico enquanto futura docente, a da constante aprendizagem e mudança, a da constante reconstrução do presente para, posteriormente, podermos colher os frutos dum futuro melhor. Teremos cidadãos mais conscientes dos verdadeiros valores e atitudes, jovens mais

entusiastas e empreendedores e crianças mais criativas e conscientes das suas destrezas e capacidades se dedicarmos á educação o valor que ela merece.

## **Identificação e contextualização do Estágio Profissional**

Este estágio profissional dividiu-se em três momentos distintos realizados em três instituições diferentes durante os 3 semestres do curso de Mestrado.

Durante o primeiro semestre estagiei de outubro de 2016 a fevereiro de 2017 numa escola centenária situada no centro de Lisboa. É uma escola com uma arquitetura antiga mas consequentemente muito acolhedora e com um ambiente muito familiar. Integra esta as valências de educação pré-escolar, e dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. No meu estágio vivenciei três momentos diferentes: o primeiro momento, na faixa etária dos 5 anos; o segundo momento, na faixa etária dos 4 anos e por último, um terceiro momento com a faixa etária dos 3 anos. Este estágio foi realizado à terça e sexta-feira, no horário das 9h às 16h (Quadro 1).

No segundo momento deste estágio estagiei numa escola nos arredores de Lisboa de março a julho de 2017. Também é uma escola bastante acolhedora com um ambiente muito particular e com uma equipa bastante dinâmica. Integra as valências de educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. Neste momento de estágio, tal como no anterior, vivenciei três momentos distintos: o 1.º momento, na faixa etária dos 4 anos; no 2.º momento, na faixa etária dos 5 anos e por último, um 3.º momento na faixa etária dos 3 anos. O estágio foi realizado à segunda-feira das 9h ao 12h30 e à terça-feira e sexta-feira das 9h às 16h (Quadro 2).

No último e terceiro momento de estágio, estive numa outra instituição também nos arredores de Lisboa de outubro de 2017 a fevereiro de 2018. Nesta escola em particular, senti um enorme acolhimento da parte da equipa, assim como, senti uma enorme partilha entre os pares e um considerável respeito pelo trabalho do próximo. Esta escola integra as valências de creche, de educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. Aqui estagiei em dois momentos distintos: o 1.º momento na faixa etária dos 5 anos e num 2.º momento na faixa etária dos 4 anos. O estágio foi realizado segunda-feira das 9h ao 12h30, terça-feira das 9h as 11h30 e às sexta-feira das 9h às 16h (Quadro 3).

Ao longo deste período de tempo, tive oportunidade de observar várias atividades realizadas pelas educadoras e pelas minhas colegas de estágio e de assistir a diversas realidades educativas. Logo, em cada uma delas pude organizar e realizar atividades,

pondo, assim, em prática as aprendizagens adquiridas, tal como presenciar reuniões de estágio, nas quais foram focados os pontos mais e menos positivos das atividades realizadas. Estas reuniões serviram para me ajudar a refletir sobre as minhas ações enquanto futura docente e poder melhorar a minha prática. Este será sempre o meu objetivo enquanto profissional: aperfeiçoar o meu desempenho.

De referir e enfatizar o facto de ter sentido, em todo este processo de aprendizagem potenciado pelo estágio, a importância da colaboração, da presença sempre atenta de todos os que me ajudaram, bem como da orientação tutorial e pesquisa bibliográfica, aplicando-se o mesmo na construção do presente relatório.

### Calendarização

Nos quadro 1, 2 e 3 encontra-se a calendarização do estágio profissional I, II e III e as respetivas datas.

#### Quadro 1- Calendarização do estágio profissional I

Semestre	Atividade	Data
1.º Semestre	Estágio com grupo de 5 anos	11/10/2016 – 18/11/2017
	Estágio com grupo de 4 anos	21/11/2016 – 16/12/2016
	Estágio com grupo de 3 anos	2/01/2017 – 10/02/2017
	Estágio intensivo com grupo de 4 anos	20/02/2017– 24/02/2017
	<b>Estágio em Educação Pré- Escolar</b>	25/11/2016
		03/01/2017
		Reuniões de Estágio
		06/01/2017
		27/01/2017
		Elaboração do Relatório de Estágio Profissional
		outubro de 2016 – fevereiro de 2017
	Orientação tutorial	1x por semana

**Quadro 2- Calendarização do estágio profissional II**

Semestre		Atividade	Data
2.º Semestre	<b>Estágio em Educação Pré-Escolar</b>	Estágio com grupo de 4 anos	06/03/2017 – 04/04/2017
		Estágio com grupo de 5 anos	21/04/2017 – 26/05/2017
		Estágio com grupo de 3 anos	29/05/2017 – 07/07/2017
		Estágio intensivo com grupo de 4 e 5 anos	18/09/2017–06/10/2017
		Reuniões de Estágio	31/03/2017 28/04/2017 02/06/2017 19/06/2017
		Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	março de 2017– julho de 2017
		Orientação Tutorial	1x por semana

**Quadro 3- Calendarização do estágio profissional III**

Semestre		Atividade	Data
3.º Semestre	<b>Estágio em Educação Pré-Escolar</b>	Estágio com grupo de 5 anos	13/10/2017 a 07/12/2017
		Estágio com grupo de 4 anos	11/12/2017 a 09/02/2017
		Reuniões de Estágio	11/10/2017, 10/11/2017, 5/01/2018 e 26/01/2018
		Elaboração de Relatório de Estágio Profissional	outubro de 2017 – fevereiro 2018
		Orientação tutorial	1x por semana

# **Capítulo 1 – Relatos de Estágio**



## **1.1. Descrição do capítulo**

Este capítulo corresponde às atividades observadas e realizadas durante o estágio profissional em vivências diferentes ao longo dos períodos de estágio, distribuídos pelos 3 semestres em três escolas diferentes da cidade de Lisboa. Os relatos são todos realizados entre a faixa etária dos 3 e 5 anos. São aqui apresentados dez relatos, três deles de atividades realizadas por mim e os sete restantes são de atividades que observei realizadas pelas educadoras e colegas de estágio em contextos educativos, nas Áreas da Educação Pré-Escolar.

## **1.2. Relatos**

### **1.2.1. Relato de Estágio 1**

Realizei uma atividade experimental na Área do Conhecimento do Mundo, com a faixa etária dos 5 anos, dedicada ao tema “Os Vulcões”.

Primeiramente, ainda na sala de aula, coloquei os reagentes (bicarbonato de sódio; detergente; vinagre; corante alimentar) necessários para a realização da experiência, em frente ao grupo, de forma às crianças poderem participar no planeamento da mesma. Os materiais passaram por todas as crianças, puderam observar e dialogar sobre a função de cada um. De seguida, fomos até ao exterior da sala para dar início à experiência. Criei um modelo de um vulcão, feito de barro e foi aí que se realizou a experiência. Pedi às crianças que se colocassem em meia roda e escolhi algumas para verter os reagentes um a um sendo que o vinagre foi o último a ser colocado. Todas as crianças puderam ver o que aconteceu à reação de todos os reagentes dentro do modelo de vulcão. Conseguiram observar a simulação de um vulcão em erupção.

Voltámos para a sala de aula para concluir a atividade e consolidar conceitos de que tínhamos falado anteriormente, como por exemplo: onde se localiza o cone do vulcão; que nome se dá à massa que sai do interior do vulcão; como se forma um vulcão.

Por fim as crianças puderam observar algumas imagens de vulcões e ainda visualizaram um vídeo de um vulcão em erupção.

## Inferências e Fundamentação

Considero importante que as crianças na faixa etária compreendida entre os 3 e os 5 anos realizarem experiências, não só porque as ajuda a compreender a realidade das situações, mas também porque podem prever, alterar e tirar as suas próprias conclusões. Segundo Martins et al., “defende-se cada vez mais, a necessidade de uma educação em ciências desde cedo, orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios da sociedade actual” (2009, p.11).

A criança está cada vez mais inserida num mundo onde a ciência a rodeia, pois segundo Martins et al. (2009):

as actividades das crianças estão, desde muito cedo, recheadas de ciência: quando a criança puxa ou empurra um objecto, quando chuta uma bola com mais ou menos força, quando anda de baloiço, quando desce o escorrega, quando brinca na banheira com brinquedos que flutuam. (p.11)

Contudo para desenvolver as ciências na educação, é necessário haver uma preocupação acrescida no que diz respeito à preparação de atividades, é importante utilizar as estratégias certas para que o nosso objetivo, enquanto educador seja alcançado. “Na seleção de estratégias de ensino há que equacionar as ideias prévias identificadas nos alunos, por diversos processos, abolindo a visão tradicional de as encarar como “erros” (Martins et al., 2007, p.33).

É importante a aprendizagem de várias etapas, seja qual for a faixa etária, para que desde cedo aprendam a trabalhar de forma organizada no que diz respeito às ciências experimentais.

Uma situação que contempla atividades experimentais deve ter uma estrutura metodológica adequada. Segundo Martins (2007), deve abranger os seguintes parâmetros

selecção de um domínio interessante para a definição de um problema para estudo (...), “Clarificação da questão - problema: o que é que queremos saber? (...) Execução da experiência: o que vamos fazer, que cuidados devemos ter? (...) Registo de dados e obtenção de resultados: como organizar os dados obtidos na experiência e o que é que eles querem dizer? (...) Conclusão: qual é a resposta à questão – problema e quais são os limites da sua validade? (p.44)

Nesta atividade, a metodologia foi cumprida oralmente com as crianças mas senti, desde logo, que era importante existir um registo. Talvez tenha sido um ponto menos positivo nesta atividade, foi também a minha primeira atividade prática com crianças e fiquei com a sensação de que tinha muitas coisas a melhorar, nomeadamente, na construção de um protocolo e na melhor preparação da atividade para que todas as crianças possam participar.

Segundo Martins et al. (2007), o trabalho experimental designa-se por:

actividades práticas onde há manipulação de variáveis: variação provocada nos valores da variável independente em estudo, medição dos valores alcançados pela variável dependente com ela relacionada, e controlo dos valores das outras variáveis independentes que não estão em situação de estudo. (p.36)

### 1.2.2. Relato de Estágio 2

Esta atividade foi realizada por um grupo de crianças de 4 anos e está inserida na Área do Conhecimento do Mundo, cujo tema foi: a reciclagem. Esta iniciou-se com as crianças em meia roda e a educadora começou por dialogar com elas para perceber as suas conceções prévias em relação ao tema. Curiosamente, demonstraram alguma sabedoria relativamente ao tema, nomeadamente em algumas propostas para reutilizar materiais.

A educadora apresentou um vídeo sobre o processo da reciclagem, desde a entrada do lixo que entra nos contentores até à sua nova utilização, passando pelos vários processos de reaproveitamento da matéria. Mostrou também seguidamente algumas imagens de ilhas de lixo existentes no nosso planeta.

Após esta abordagem, a educadora colocou à frente das crianças três caixas com as cores dos contentores da reciclagem (azul, amarelo e verde) e distribuiu por cada criança um objeto (embalagens de iogurtes, frascos de vidro, etc.) para cada uma das crianças ir colocar o objeto na caixa correspondente.(figura 1 e 2).

A educadora finalizou a atividade promovendo um diálogo com as crianças sobre os seus próprios costumes na prática da reciclagem e incentivou aquelas que ainda não o faziam.



**Figura 1-**  
Recipientes de reciclagem.



**Figura 2-**  
Criança a realizar a separação de uma embalagem de vidro.

Nos dias de hoje é fácil ouvirmos falar de desequilíbrios ambientais maioritariamente causados pelo homem. Sabemos, também, que são muitos os projetos em educação ambiental que têm como objetivo a promoção de boas práticas ecológicas, mas a realidade é que ainda no século XXI, e havendo conhecimento de todas as previsões e de todas as causas ambientais, ainda são muitos os exemplos que falham neste sentido. Na minha opinião, a escola pode contribuir para que se formem boas práticas ecológicas e este exemplo de atividade é uma delas. Tal como é afirmado por Fernandes (como citado em Almeida, 2016) :

Crianças e adultos vivem num ambiente que é construído e destruído em cada instante (...) Todos somos solidariamente responsáveis por esse ambiente. Mas, considerando que aos adultos cabe uma dupla responsabilidade, a de garantes da vida e de pedagogos desse mesmo ambiente. (p.56)

Este tipo de práticas em sala de aula vai permitir que a sua interiorização por parte delas, e assim, mais facilmente, elas irão influenciar os adultos com os quais vivem e incutir-lhes essas mesmas condutas. Segundo Giordan e Souchon (citado em Almeida 2016, p.58) “Uma educação que se relacione com o ambiente não pode ser dada sob a forma de lições.”. Logo, todos devemos ser solidários com o ambiente e por preservá-lo da melhor forma. Obviamente, cabe ao educador ensinar boas práticas às crianças e aplicá-las em contexto de sala de aula para que sejam consideradas rotineiras.

Enquanto futura educadora, espero conseguir realizar boas práticas ambientais na minha sala de aula, desde o reaproveitamento de papel, à construção de ecopontos, para ter em sala de aula, com material reciclado, entre inúmeras ações que podemos ter para dar o exemplo às crianças de que somos cidadãos responsáveis pelas nossas atitudes e pelas consequências das atitudes.

### **1.2.3. Relato de Estágio 3**

Esta atividade foi realizada por mim no âmbito do domínio da expressão artística com um grupo de crianças de 3 anos.

Comecei por ler o livro As Quatro Estações de José António Abad Varela que conduz de uma forma fantástica à interação com as crianças e tem a particularidade de reunir as músicas das quatro estações de Vivaldi, que vão aparecendo ao longo da história através do *click* de um botão. As crianças ficaram fascinadas e demonstraram sempre interesse pela história, participaram e expressaram o que sentiam ao ouvir a música de cada uma das estações do ano.

Depois desta leitura participada, coloquei no chão da sala papel cenário e deixei, ao dispor das crianças lápis de todas as cores, de formas e tamanhos diferentes, a fim de cada uma delas fosse livre de escolher o lápis e a cor a utilizar. Ao escutarem de novo as músicas das quatro estações de Vivaldi e as crianças pintaram livremente elevadas naquele som extraordinário. No início da atividade, as crianças não estavam a perceber bem o exercício, mas, após breves minutos, ao ouvirem o contraste da mudança da música, facilmente perceberam e dançaram com o lápis na folha de papel (figura 3).

No decorrer da atividade, percebi que devia ter uma melhor fonte sonora, pois senti que as crianças não estavam a ouvir bem o som da música, tal como o contraste dos seus diferentes tons. Numa próxima proposta deste género, vou, certamente, certificar-me que existe uma boa fonte sonora e repetir o exercício com outro tipos de música para verificar a reação das crianças.



**Figura 3 -**  
Fotografia da pintura livre referente à atividade  
“As Quatro estações de Vivaldi”.

## Inferências e Fundamentação

Na minha opinião, este tipo de exercícios são fundamentais para o desenvolvimento de crianças desta idade, pois, para além de terem a oportunidade de expressar a sua arte, são excelentes para descontraírem e saírem da rotina a que estão habituadas, tal como é referido por Rodrigues (2016 p. 32), “a garatuja, ou prazer de riscar sobre grandes superfícies, é a primeira manifestação gráfica da criança (...) até cerca dos três anos de idade, faz traços instintivos”.

Este foi o primeiro exercício de expressão livre que realizei com crianças, para o qual me embrenhei na pesquisa para o realizar da melhor maneira possível. Decidi deixar à sua escolha das crianças a cor a utilizar pois segundo Rodrigues (2016, p.67) “se há crianças que se emocionam com a cor, outras há que se concentram a desenhar, sensíveis à expressividade do traço e à definição do pormenor”. Esta atividade não teve como objetivo avaliar qualquer capacidade ou destreza das crianças mas sim deixá-las riscar livremente, apenas pelo singelo prazer de ouvir a música e pintar, da forma que elas quisessem com o material que quisessem. Consiglieri (2017) na mesma linha de pensamento refere que:

Na Educação Artística, aprende-se a perceber, a pensar e a dialogar sobre a obra de arte, resultando na capacidade de desenvolver as múltiplas faculdades da criança, permitindo-a ter maior interesse e motivação pelo conhecimento artístico e cultural, e também pela literacia visual. (p.92)

Foi surpreendente vê-las a apreciar os seus rabiscos, por vezes até me apercebi de que riscavam onde já não era o espaço que tinham limitado para o efeito, mas mesmo assim davam outro significado àquele *erro*, se é que o podemos chamar assim. Na mesma linha de pensamento, Rodrigues (2016, p.71) afirma que “A criança aceita naturalmente o acidente e atribui-lhe um novo significado. Embora tendo uma ideia clara do que vai fazer, não deixa de ficar surpreendida com o resultado imprevisível (...) não há criatividade sem surpresa”.

Segunda as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) no subdomínio das artes visuais, as “crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (p.49), e é neste sentido que quero continuar a melhorar enquanto docente, que quero fazer crianças felizes e capazes de sentir, imaginar, procurar, questionar o que as rodeia. Estes, entre uma

série de outros, serão objetivos pelos quais vou lutar sempre para que, com a minha ajuda, *todas as minhas crianças* sejam capazes de os concretizar.

#### **1.2.4. Relato de Estágio 4**

A atividade que irá ser descrita, ocorreu no âmbito do Domínio da Expressão Artística na sala dos três anos. A educadora distribuiu, por cada criança, bocadinhos de papel crepe, juntamente com uma porposta de trabalho, para que estes o enrolassem em pequenas bolinhas e as colassem no desenho. Colocou a porposta de trabalho num quadro para que todas as crianças conseguissem ver, e explicou ao grupo o que tinham de fazer.

A educadora solicitou a ajuda de uma criança para distribuir a proposta de trabalho pelos colegas, e a outra para distribuir os bocadinhos de papel. A proposta de trabalho era um desenho, igual para todas as crianças, onde tinha uma imagem de um balão para ser preenchido com os bocadinhos de papel. As crianças tinham de enrolar o papel em pequenas bolinhas e colar no interior do balão. A educadora verificou se todas as mesas tinham o material necessário e começou a distribuir as colas. Cada mesa tinha 4/5 crianças e só tinham uma cola por mesa que tinham de partilhar entre todos. Ao definir que tinham de partilhar a cola, esteve a promover o trabalho em equipa.

O resultado final da proposta foi o esperado, com ritmos diferentes todas as crianças conseguiram preencher o balão com bocadinhos de papel.

#### **Inferências e Fundamentação**

Esta observação relatada foi para mim um momento muito gratificante, pois percebi que tudo ali era possível de ser realizado, mesmo com crianças tão pequenas e com muito pouco tempo de escola, basta existir rotina e organização. Ao contrário do que pensei, as crianças souberam partilhar muito bem a cola e esperar pela sua vez, facilmente percebi que era hábito naquela sala haver partilha de material. Ao realizarem este tipo de tarefas estas crianças estão a crescer em sociedade, estão crescer individualmente, a aprender a partilhar e a cooperar com o outro. Segundo Kaye (como citado em Lopes & Silva, 2015, p.4) “As interações em grupo e interpessoais envolvem

um processo social na reorganização e na modificação dos entendimentos e das estruturas de conhecimento individuais e, portanto, a aprendizagem é simultaneamente um fenómeno privado e social”.

Este tipo de atividades cooperativas promovem uma série de vantagens, como respostas sociais positivas em relação aos problemas, estimulação de um ambiente de apoio à gestão de resolução de conflitos e aumento da autoestima (Lopes & Silva, 2015). Na minha ótica e também segundo os mesmos autores, para evitar desvantagens nesta estratégia o educador/a deve certificar-se que o grupo não tem mais de 3-5 elementos e que todos estão a cooperar na tarefa.

Enquanto docente quero adotar estratégias de cooperativismo, sinto que é essencial começar a trabalhar assim logo desde muito cedo. Eu acredito que o trabalho em equipa funciona e só é possível ser trabalho se for em equipa. Tal como é afirmado por Burden (como citado em Lopes & Silva, 2015, p.3) “A cooperação é a convicção plena de que ninguém pode chegar à meta se não chegarem todos”. Também considero fundamental ajudar a educar crianças a trabalhar em equipa.

#### **1.2.5. Relato de Estágio 5**

Esta atividade foi realizada por mim com um grupo de crianças de 5 anos, pertence ao Domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, inserida na Área da Expressão e Comunicação. A atividade surgiu no contexto de uma série atividades programadas para o dia letivo e logo pela manhã comecei por realizar com as crianças o jogo do bingo.

O jogo foi construído e adaptado por mim com base nas regras da Cartilha Maternal João de Deus. Distribuí por cada criança uma placa de jogo (Figura 4) com as letras que as crianças já conheciam, de seguida distribuí marcas em forma de rebuçado para que, à medida que eu relembra as regras da Cartilha, as crianças colocassem por cima da letra que tinham no cartão. Por exemplo:

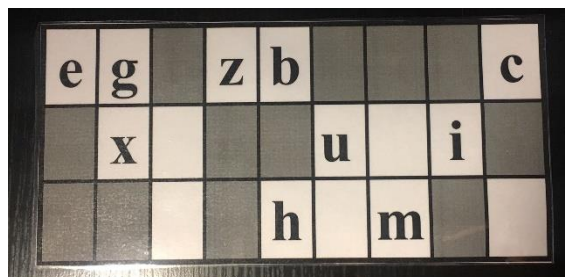
Estagiária: Qual é a letra que se lê com os lábios unidos com muita força?

Criança: É a letra “b”. (Aqui as crianças que tivessem no seu cartão a letra “b” colocavam uma marca por cima da letra).



Desta forma, o jogo foi feito até que todas as crianças terminassem o cartão, tendo previamente sido definido que quando o concluíssem, diziam “bingo!”.

De uma forma geral as crianças conseguiram facilmente acompanhar o jogo e rever as regras da Cartilha.



**Figura 4-** Exemplo de uma placa de jogo

### **Inferências e Fundamentação**

Nesta atividade utilizei, como recurso, a Cartilha Maternal João de Deus, a qual, para mim, dispões de um método de leitura muito especial, não só por ser aquele pelo qual aprendi a ensinar a ler, mas também por ser uma ferramenta muito próxima das crianças e que respeita o ritmo de cada uma delas.

João de Deus Ramos (como citado em Deus, 1997, p.8) refere que “eu posso ser homem sem saber retórica, o que não posso é ser verdadeiramente homem sem saber ler”. Foi para ensinar a ler que João de Deus dedicou a sua vida e os seus estudos, criando este método de ensino que passa por aprender a ler através da descoberta do som das letras e, conseqüentemente, dar origem a uma palavra contextualizada. Segundo Deus (1997, p.10) “a base do Método João de Deus é a análise da língua, feita através dum processo sério e graduado que se baseia num raciocínio lógico”.

Este tipo de tarefas, como o bingo “das letras” foi uma adaptação que eu fiz para poder explorar o método João de Deus com o grupo todo e não só apenas com o pequeno grupo de crianças que iriam ler a lição, e também foi uma estratégia para mais tarde as ajudar na compreensão de leitura. Sim-Sim (2006, p.41) refere que a “compreensão de leitura em si mesma mobiliza estratégias cognitivas específicas que permitem activar o conhecimento prévio sobre o tema a ler, antecipar o conteúdo com

base nesse mesmo conhecimento prévio, organizar a informação nova e questionar-se sobre ela”. De acordo com Ruivo (2009, p.14), com o método da cartilha a criança familiariza-se com as letras e os seus valores fonéticos”. Ruivo (2009) revela ainda que João de Deus quando escreveu a Cartilha Maternal:

valorizou os aspetos visuais apresentando as palavras segmentadas por sílabas recorrendo aos tons preto/cinza. O recurso a estruturas gráficas artificiais, indicando a divisão da palavra em sílabas gráficas, permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica (e sonora) das mesmas. A metodologia de João de Deus recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão inseridas. (p.115)

Considero que aprender a ler é um processo complexo e muito individual e cada criança deve ser respeitada pelo seu ritmo de aprendizagem e motivada para continuar interessada em aprender.

A Cartilha Maternal é um método exemplar nesse sentido, pois trabalha a consciência fonológica de forma a facilitar o processo de aprendizagem recorrendo, para tal, a regras básicas de fácil compreensão da parte de quem aprende. Ruivo (2014, p.48) afirma que a “consciência fonológica é uma das competências fundamentais para fazer emergir todo o potencial linguístico da criança de forma a promover uma melhor literacia”.

Sim-Sim (2006, p.36), acrescenta que “a leitura envolve processos específicos que lhe conferem contornos de intransponível singularidade pelo qual não pode ser entendida como uma mera transposição do oral para o escrito”. O método João de Deus respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança, criando assim uma sensação de prazer e de descoberta por parte da mesma e não a de obrigação de aprender.

Tendo em conta que este grupo de crianças já estava no final das lições da Cartilha a atividade correu como tinha esperado. Contudo, se fosse outro grupo de crianças no início das lições da Cartilha devia expor as letras, em grande, à medida que as crianças colocavam as marcas no cartão, pois penso que assim facilitava a tarefa de identificação das letras e as crianças podiam observar as letras que já haviam saído.

### **1.2.6. Relato de Estágio 6**

Esta atividade foi observada no último estágio do 3º semestre com crianças de 5 anos. A sala onde foi realizada era uma sala muito acolhedora e desde o primeiro dia que senti uma grande relação entre o espaço e as famílias das crianças. Isto porque a sala tem um peluche (um sapo que tem um grande fecho na sua boca para guardar muitas recordações daquelas crianças).

O sapinho vai todas as semanas para casa de uma das crianças e é uma alegria: as famílias tiram fotografias com ele e, às vezes, até trazem uns mimosinhos para as crianças da sala, tudo isso volta na semana a seguir dentro da boca do sapo. Depois, a educadora guarda sempre um momento no dia para falar sobre os acontecimentos fantásticos vividos entre o sapo e essa criança, durante o período de tempo que esteve com ela. Como na sala existe um espaço para expor todas as fotografias destes momentos, as crianças adoram mostrar onde estiveram, quem são as suas famílias, o que fez o sapo e como ele lhes proporcionou aventuras (reais ou imaginárias) incríveis nesta tenra e fabulosa idade. Eu e a minha colega de estágio tivemos o privilégio de escutar todos estes relatos.

Aqui, senti aqui um exemplo a seguir, na medida em que a educadora mantém um excelente relacionamento com a família e as crianças vivenciam o importante momento de poder levar o sapinho para casa.

### **Inferências e Fundamentação**

É mais que visível no dia-a-dia enquanto estagiária a relação entre a família e a escola, não só porque esta se preocupa com a aprendizagem da criança mas também porque a escola faz com que essa relação exista e que seja notória no quotidiano das crianças.

Reis (2008, p.58) refere que “não devemos nunca esquecer de que a Escola faz parte do quotidiano familiar de cada criança. Cada Família vive a Escola com diferentes graus de interesse, envolvimento e expectativas”. Considero este tipo de estratégias, que relatei fundamentais para criar laços entre a família e a escola, tanto mais que, um bom equilíbrio entre estas duas faces trás proporciona crianças felizes,

confiantes, motivadas e conseqüentemente um ótimo ambiente de trabalho para o educador. Assim sendo, Reis (2008) afirma que:

pais vêem os seus filhos como seres únicos, estando permanentemente atentos às suas necessidades. Os professores, pelo contrário, vêem em cada aluno um membro do grupo, no seio do qual é necessário instaurar uma dinâmica colectiva que passa por uma certa uniformização nas formas de tratamento. (p.62)

A estratégia relatada, na minha opinião, é um bom exemplo para uniformizar a forma de como tratar todas as crianças, respeitando a diferenciação.

Considero o equilíbrio entre a escola e a família essencial para o crescimento e o desenvolvimento da criança, não há criança sem família nem escola sem crianças, são duas coisas inseparáveis, por isso, resta-nos a nós, educadores, fortalecer esses laços para o bem das gerações.

Gokhale (como citado em Reis, 2008, p.61) acrescenta que “a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social (...) A família tem sido, é, e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do carácter das pessoas”. Assim, quero continuar a pensar quando olho para o um grupo de crianças, que não estou a lidar apenas com cada uma delas mas também com a sua família, logo, enquanto educadora, quero muito conseguir manter esta relação harmoniosa para ter comigo crianças felizes, sem medos, confiantes.

#### **1.2.7. Relato de Estágio 7**

Esta atividade foi realizada com um grupo de crianças de 4 anos numa atividade de oferta curricular de Língua Inglesa, observada por mim e realizada por uma professora de Inglês.

Logo desde o primeiro momento em que a professora entrou na sala senti uma alegria por parte das crianças. Começaram por cantar a canção dos “bons dias”; de seguida a professora escolheu os chefes de sala desse dia e deu uma coroa de princesa à menina selecionada e uma outra, de príncipe, ao menino. Facilmente percebi que de dia para dia as coroas iam alternando de criança para criança de forma a que todas participassem na atividade preparada.

A professora iniciou a aula com músicas escolhidas pelos chefes desse dia e posso afirmar que é quase impossível ficar indiferente a essa estratégia, pois todas as crianças que estão de pé dançam, fazem de conta, imitam animais, pessoas, entre uma variedade de coisas mais que as vai enriquecendo em termos do vocabulário da língua a aprender, neste caso, a língua inglesa. A atividade durou cerca de meia hora e as crianças mostraram uma ótima relação com a professora, fundamental na aprendizagem. Os chefes do dia têm o papel de gerir as atividades e de seleccionar o que vão fazer. Neste dia as crianças contaram uma história através de uns cartões com imagens de animais.

No final, voltaram a cantar, desta vez a canção de despedida, terminando, assim a atividade. Surpreendeu-me, pela positiva, o vocabulário já adquirido pelas crianças, utilizado não só nesse contexto, mas também no contexto do dia-a-dia, bem como a gestão de tempo por parte da professora.

### **Inferências e Fundamentação**

Na aprendizagem de uma língua nova considero que quanto mais ativas e apelativas forem as atividades melhor é conseguida essa aprendizagem, Azenha (1997, p.8) afirma que “a principal função do professor é criar condições para que os alunos aprendam, propondo-lhes actividades de aprendizagem variadas e motivantes ( que tenham em conta, de forma equilibrada, as quatro competências – compreensão oral e escrita, expressão oral e escrita), e orientá-los no processo de aprendizagem”.

Tal como referi na observação relatada, o professor tem uma ótima relação com as crianças e considero esse um fator essencial para a qualidade da aprendizagem, pois ainda segundo Azenha (1997, p.8) para que “o processo de aprendizagem seja coroado de êxito, o professor tem de manter com os alunos uma relação pedagógica adequada”. Esta atitude da parte do professor traduzirá, com certeza, uma sensação de segurança e de autoconfiança da parte das crianças.

O foco da atividade que observei foi claramente nas crianças, foram elas que dialogaram e participaram, a professora foi uma mediadora da atividade, Azenha (1997) afirma com segurança que:

O professor não deve (como é tão frequente ver-se!) centrar a aula em si mesmo, *bombardando* a turma (a turma, sim, mas nem sempre os alunos...) com perguntas constantes (quando não também com as respectivas respostas...). Sempre que o

professor assume uma atitude centralizadora, há muitos alunos que se distraem e alguns tornam-se, não raro, elementos perturbadores. (p.16)

Esta observação fez-me refletir sobre a minha postura na prática pedagógica que, confesso, no início do estágio era um pouco expositiva, a mesma que tenho vindo a alterar e estarei sempre a melhorar para que sejam as crianças o foco principal da atenção. As atividades que preparo para crianças são para elas, pensadas para elas e realizadas por elas, para que sejam crianças ativas e participativas.

### **1.2.8. Relato de Estágio 8**

A atividade foi observada na sala da faixa etária dos 4 anos e está inserida no Domínio da Matemática.

A educadora começou a atividade solicitando a ajuda de duas crianças para distribuir uma folha A4 plastificada com 12 quadros de cores diferentes, um copo com marcas de cor aleatória e a imagem de um boneco (figura 5).

Após a distribuição do material, a educadora começou por explorar a folha com os quadrados coloridos e construiu uma história através do boneco. O exercício era o de explorar a lateralidade através do cálculo mental, com as marcas (peixinhos) e com os quadrados. Por exemplo: no primeiro exercício a educadora pediu que as crianças colocassem um par de peixinhos no quadrado à direita do quadrado amarelo. Aqui pediu que as crianças levantassem a mão direita e de seguida deixou-as colocar as marquinhas, que neste caso ficaram no quadrado verde.

O exercício decorreu conforme este exemplo, embora, a educadora tenha aumentado o grau de dificuldade, quer na forma de fazer a pergunta quer no cálculo que pediu às crianças para realizar. Por exemplo: primeiramente pediu que as crianças olhassem para a segunda fila de quadrados coloridos e que lhe dissessem quais as cores existentes nessa fila, da esquerda para a direita, depois solicitou que as crianças colocassem dois pares de peixinhos no segundo quadrado, contando da esquerda para a direita.

O exercício foi realizado com sucesso pela maioria das crianças. Todas as que sentiram dificuldade em encontrar a resposta certa ao utilizar o material, nas contagens ou na lateralização com as cores dos quadrados, foram ajudadas pela educadora.

Foi interessante verificar que algumas crianças já dominavam tão bem as seguintes informações: “em cima”, “em baixo”, “esquerda” e “direita”.



**Figura 5-** Exemplar de um exercício.

## **Inferências e Fundamentação**

Na minha opinião este tipo de exercícios ajudam a criança a desenvolver uma série de capacidades e destrezas essenciais para o seu crescimento, tal como o saber vestir, calçar, entre muitas outras atividades.

Segundo Matos e Gordo (1993, p.13) “A coordenação visual-motora também se desenvolve propondo aos alunos a descoberta de um caminho”, ou seja, com este tipo de atividades para além de o educador seguir uma linha de pensamento pode e deve estar atento a novas descobertas realizadas pelas crianças, como por exemplo, o de criar uma nova forma de realizar o exercício.

De acordo com os mesmos autores, a discriminação visual é uma capacidade que está envolvida quando procuramos analisar duas figuras, se são iguais, se são semelhantes, quais as suas características, qual a sua posição no espaço, ou seja, é este o passatempo de descobrir novas perceções em relação ao espaço.

O educador tem a missão de usar esta capacidade e desenvolvê-la através da descoberta e da observação, por exemplo, neste caso o educador podia questionar as crianças sobre o porquê destes quadrados serem diferentes, podem ser diferentes em relação ao espaço onde estão inseridos e à cor. Mas também podem ser semelhantes, na sua forma, há quadrados à direita, há quadrados à esquerda, etc. Existem inúmeras possibilidades de trabalhar este género de exercícios com as crianças, cabe apenas ao educador perceber o que está a ajudar a desenvolver nelas e saber exatamente como quer que a atividade funcione perante aquele grupo.

Considero este tipo de exercícios fundamental para trabalhar com crianças tão pequenas, pois pouco a pouco vão ganhando a noção de espaço e também ganham estratégias para chegar à solução do seu problema.

### **1.2.9. Relato de Estágio 9**

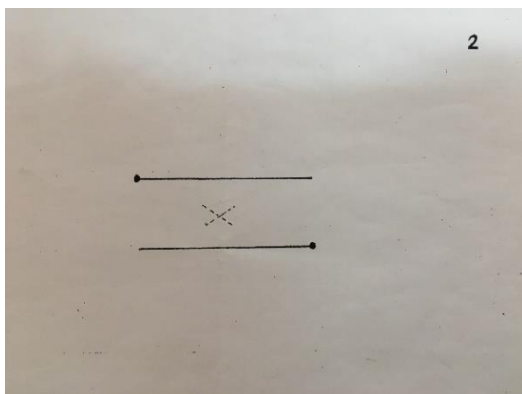
A atividade que vai ser relatada foi realizada pela educadora da sala com um grupo de crianças de 5 anos e insere-se na área da expressão e comunicação no domínio da matemática. Foi iniciada com as crianças sentadas nos respetivos lugares, após a distribuição de uma folha em branco. O objetivo da atividade era realizar um grafismo, neste caso, foi o primeiro grafismo neste grupo de crianças (figura 6).

Após todas as crianças terem a folha em branco a educadora ensinou as crianças a encontrar o ponto central da folha dobrando-a ao meio na horizontal e na vertical (figura 7).

Todas as crianças repetiram este processo até encontrarem o centro da folha, de seguida a educadora desenhou no quadro um exemplo de grafismo que as crianças tinham de repetir da sua própria folha, enquanto o fazia contou uma pequena história sobre um príncipe que tinha uma espada. Com a ajuda da história e as indicações certas, a educadora ajudou as crianças a colocarem um pontinho à esquerda por cima do ponto central e um traço na horizontal para a direita, construindo assim a espada do príncipe ( Figura 8).

Por fim, a educadora voltou a dar indicações dando continuidade à história e ao grafismo. Reparei que nem todas as crianças conseguiram cumprir o objetivo do exercício mas sei, com certeza, que o que interessou aqui, foi o processo enquanto realizavam o exercício e não o produto final (figura 9).

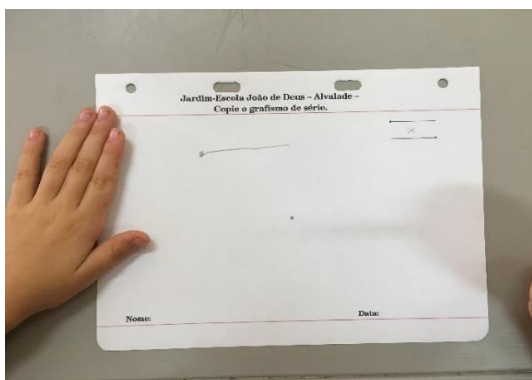




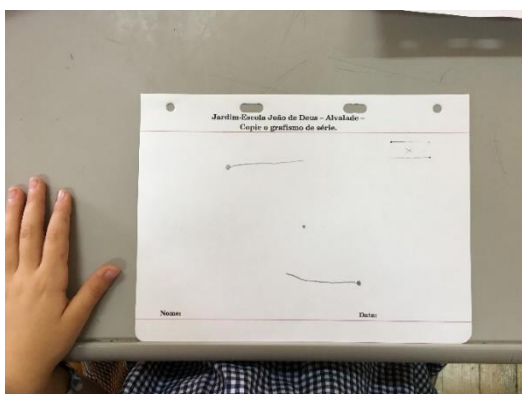
**Figura 6** - Exemplo do grafismo realizado.



**Figura 7** - Primeira etapa do grafismo.



**Figura 8** - Segunda etapa do grafismo.



**Figura 9** - Terceira e última fase do grafismo.

## **Inferências e Fundamentação**

Decidi relatar esta observação pois foi a primeira vez que vi a aplicação desta estratégia. Considero fundamental a realização de grafismos em crianças na idade compreendida em educação pré-escolar.

Este tipo de exercícios são fulcrais para a estruturação espacial da criança, ajuda no aperfeiçoamento da motricidade fina, na concentração da atenção e no seu desenvolvimento estrutural, de um modo geral, enquanto futuro cidadão. Na mesma linha de pensamento, Migueis e Azevedo (2007, p.44) refere que: “O que queremos ressaltar é que, ao estar no mundo, o homem relaciona-se com ele de forma objetiva e nesta lida são desenvolvidas funções superiores, tais como a abstração, a memória, o raciocínio lógico, o pensamento e a linguagem”.

Esta atividade foi realizada num contexto para que a criança sinta ligação com o que está a realizar, segundo Caldeira (2014, p35), “devemos proporcionar situações que desenvolvam interações entre o sujeito e o objeto do conhecimento, ou seja, oferecer à criança a possibilidade de relacionar as ações realizadas com os materiais e com os conceitos trabalhados, pois, subjacente a cada material, existe uma proposta pedagógica que o justifica.”

Este exercício requer uma atenção especial para a abstração, se para nós adultos já não é fácil construir algo a partir de uma folha branca, imaginemos crianças tão pequenas que tem apenas o ponto central como referência. A verdade é que ao trabalhar a visualização espacial estamos a formar crianças para serem melhores a interpretar o mundo que os rodeia. Neste ponto de vista, Matos e Serrazina (1996, p.270) salientam “a função das imagens mentais na forma como resolvemos problemas quotidianos, nas dificuldades perceptuais na compreensão de desenhos de figuras tridimensionais e no estudo das capacidades de imaginar mentalmente transformações de entidades matemáticas”.

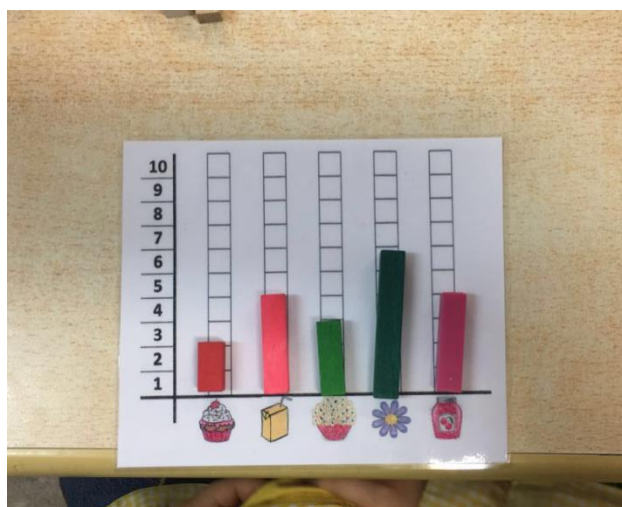
Considero de extrema importância serem realizados grafismos pois trabalham uma série de destrezas fundamentais tais como a lateralidade e a estruturação espacial.

### 1.2.10. Relato de estágio 10

Neste dia, observei a educadora da sala dos 3 anos a contar a história do capuchinho vermelho. Sentou as crianças em meia roda, para que todas conseguissem ver as imagens e contou-a. A história foi adaptada pela educadora, por isso não termina como a história tradicional do capuchinho vermelho. Ao longo da atividade, a educadora mostrou o cesto que a capuchinho levava à avó e dentro do cesto estavam imagens plastificadas de queques, baldes de pipocas, pacotes de sumos, flores e compotas.

A educadora fez a contagem com a colaboração das crianças, dentro do cesto existiam: dois queques; quatro pacotes sumos; três baldes de pipocas; seis flores e quatro compotas. Após a contagem a educadora colocou no quadro um gráfico, com a imagem dos objetos que a capuchinho levou à avó e as crianças tinham de fazer corresponder a quantidade com as peças do cuisenaire. Por exemplo: a imagem do que correspondia à peça encarnada do cuisenaire, significava que a menina tinha levado dois queques.

Após a realização do exercício em grupo, foi distribuído a cada criança um gráfico com as respetivas imagens do objetos que estavam dentro da cesta, e as crianças repetiram o exercício colocando as peças do cuisenaire correspondentes à quantidade. As peças do cuisenaire estavam colocadas no centro da mesa e eram as próprias crianças iam buscar as peças. Por vezes, não colocavam a peça correta, mas depressa verificavam com peças brancas, que cada peça branca corresponde a uma unidade, se aquela cor correspondia à quantidade que era necessário para determinado objeto (figura 10).



**Figura 10** - Exemplo de um gráfico realizado por uma criança de 3 anos.

## **Inferências e Fundamentação**

A matemática é reconhecidamente decisiva para a estruturação do pensamento humano e plena integração na vida social. Segundo Azevedo e Migueis (2007, p.11), “a matemática tem sido um objetivo das políticas educativas de todos os países”. Assim “a criança constrói o conhecimento matemático pela necessidade de resolver os problemas reais do seu quotidiano, impostos pela complexidade de situações da sociedade” (Azevedo & Migueis, 2007, p.19). Segundo estes autores, as crianças vão construindo e com maior ou menor consciência, os conceitos matemáticos na sua vida do dia-a-dia, e cabe à escola o importante papel de desenvolver, sistematizar e consolidar esses conhecimentos e capacidades espontaneamente desenvolvidas.

A manipulação de materiais matemáticos feita pelas crianças, dá a liberdade de estas chegarem aos seus próprios resultados testando os vários caminhos para tal, aumenta a confiança de quem os manipula e dá origem a uma motivação para continuar a trabalhar matemática.

Caldeira (2009, p.18), afirma que “o professor deve tirar partido de diversos materiais, atendendo em primeiro lugar a que sejam manipulados pelo aluno; em segundo lugar que o aluno saiba realmente qual a tarefa para a qual é suposto usar o material.” Ou seja, o material manipulativo é utilizado na sala de aula com o objetivo de facilitar o processo de aprendizagem.

## **CAPÍTULO 2 – Planificações**

## **2.1. Descrição do capítulo**

Este capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: numa primeira parte, apresento uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar e as suas finalidades. Na segunda parte, são apresentadas seis planificações em quadro, realizadas por mim, ao longo do período de estágio I, II e III abrangendo a área da Expressão e Comunicação, nomeadamente os domínios da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a área do Conhecimento do Mundo. Em cada planificação apresento a fundamentação teórica das estratégias e recursos utilizados, suportada em diversos autores.

## **2.2. Fundamentação teórica**

A planificação é fundamental para a organização, nomeadamente no ensino. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p59), “a planificação do ensino, partindo do currículo, programa actividades de ensino-aprendizagem que selecciona, organiza e sequencia no tempo e concretiza-se num plano de ensino (o produto desta operação).” Ao falar em planificação é importante falar do currículo, onde se organiza e propõe os objetivos, conteúdos, aprendizagens do que se vai ensinar e avaliar.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989, p.59), “o planeamento curricular selecciona e estrutura experiências e resultados de aprendizagem que se pretendem alcançar, definindo, assim, um produto — o currículo.” Após esta conceção, facilmente perceberemos que a planificação, tal como o currículo, deve ser desafiante, e são importantes para definir as estratégias e definir finalidades específicas para atingir fins. É importante que as crianças possam ter um currículo mais enriquecedor possível, e planificar atividades permite enriquecer e gerir o currículo.

Segundo Clark e Yinger (1979, citados em Zabalza, 1994) realizaram um estudo onde questionavam vários professores sobre o que os levava a planificar. As respostas agrupavam-se em três categorias: os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, os que planificavam com um objetivo a alcançar e os que planificavam para organizar melhor a turma.

As planificações feitas pelo professor requerem uma dedicação prévia da parte do mesmo, para que as estratégias e as atividades preparadas sejam ponderadas e organizadas consoante o grupo de crianças. Tal como é afirmado por Silva e Lopes (2015,p.5) a “seleção dos objetivos de aprendizagem é uma tarefa morosa que exige que o professor disponibilize algum tempo para isso”.

Uma planificação bem feita não significa que a atividade corra como está planificada, a planificação é uma forma de organizar as estratégias escolhidas pelo professor, podendo sempre ser alterada conforme o decorrer da atividade. Lusignan e Goupil (como citado em Silva & Lopes, 2015) referem que:

A planificação ocupa um lugar essencial no ensino, dado que permite ao professor estabelecer a relação entre o programa da sua disciplina e os alunos, ou seja, entre o que tem de ensinar e a aprendizagem no contexto da sua sala de aula. (p.3)

Assim sendo, as planificações são essenciais para organizar e clarificar as estratégias a ser utilizadas.

As planificações apresentadas estão divididas da seguinte forma: Área/Domínio a trabalhar, as componentes/conteúdos a desenvolver, as estratégias a utilizar e os recursos necessários para desenvolver a atividade.

## 2.3. Planificações em quadro

### 2.3.1. Planificação do Domínio da Matemática

Esta proposta de planificação (Quadro 4) enquadra-se no Domínio da Matemática e foi aplicada num grupo de crianças de 3 anos de idade.

**Quadro 4** – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática para os três anos de idade

Plano de Atividades			
Escola: Orientador (a) Cooperante: Faixa etária: 3 anos		Data: 3 de fevereiro de 2017 Duração: 30 minutos	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2
Áreas de Conteúdo: Área de Expressão e Comunicação			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
<b>Domínio da Matemática:</b> • Sequências.	30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Receber as crianças e cantar algumas canções.</li> <li>- Sentar as crianças no tapete.</li> <li>- Contar a história do “Patinho Feio” realizando perguntas às crianças sobre as imagens da história.</li> <li>- Cantar a canção dos patinhos e sentar as crianças nas mesas.</li> <li>- Pedir a ajuda de uma criança para distribuir pelas mesas patinhos em tamanho pequeno para dar início às sequências propostas.</li> <li>- Explicar às crianças a atividade e colocar no quadro ( em tamanho grande) a sequência a realizar. E dar início à proposta de trabalho. Ter 3 sequências com níveis de dificuldade diferente e adaptar segundo o ritmo das crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Patos plastificados com laços da cor do 1º Dom de Froebel;</li> <li>- Livro : “O patinho feio”;</li> </ul>

## **Fundamentação Teórica**

Esta atividade surgiu no seguimento da temática “animais”, nomeadamente o pato, com o objetivo de dar continuidade à noção do que é uma sequência, que as crianças já tinham adquirido (Quadro 4).

Comecei a atividade por, Pedir a ajuda de uma criança para distribuir pelas mesas patinhos em tamanho pequeno para dar início às sequências propostas. Pedi a uma criança para distribuir os patos pequenos por cada criança para dar início às sequências propostas. Após este início, percebi que devia ter distribuído previamente os patos pequenos para não causar tanto tempo de espera em relação às crianças que já tinham o material e às que ainda não tinham. Coloquei uma folha A3 exposta no quadro com a primeira sequência e pedi que as crianças fizessem a leitura das cores dos laços dos patos, por exemplo: um pato com um laço encarnado, um pato com um laço azul, um pato com o laço encarnado, um pato com um laço azul, um pato com um laço encarnado, qual será a cor do laço do próximo pato? Após esta abordagem, as crianças fizeram a sequência das cores dos laços dos patos nas suas mesas. Segundo Ferreira (2011, p.19), “é essencial promover experiências de aprendizagem onde as crianças se possam envolver na actividade, partilhar o seu pensamento matemático, manipular os materiais e resolver problemas, contribuindo para o seu crescimento matemático”.

A cada nova sequência que apresentava, colocava sempre uma folha A3 com o exemplo do exercício. Assim todas as crianças conseguiam ver, realizar e discutir ao mesmo tempo. Segundo Caldeira (2009), devemos considerar três aspetos tais como: criar várias estratégias que ajudem as crianças a compreender os conceitos, criar situações associadas aos seus interesses e vida do dia a dia, de modo a estimular as crianças para as aprendizagens bem como o gosto e o interesse pela mesma e realizar vários exercícios matemáticos.

Se voltasse a realizar esta atividade, colocaria em frente de cada criança uma referência de lateralização, para que facilitasse o exercício de colocar os patos na mesa. Senti que foi uma atividade bem concebida, mas que ainda podia melhorar nestes dois aspetos referidos.



### 2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática

A planificação apresentada foi aplicada a um grupo de crianças de 4 anos tendo sido usado o material matemático 4.º Dom de Froebel para a resolução de problemas. (Quadro 5).

**Quadro 5** – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática para os 4 anos de idade.

Plano de Atividades			
Escola:		Data: 31 de março de 2017	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2
Orientador (a) Cooperante:		Duração: 30 minutos	
Faixa etária: 4 anos			
Áreas de Conteúdo: Área de Expressão e Comunicação			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
<b>Domínio da Matemática:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>Sentido de número;</li></ul>	30 minutos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Sentar as crianças nos respetivos lugares;</li><li>- Apresentar através de um cenário em feltro uma história de forma a continuar o tema sobre os répteis;</li><li>- Dialogar com as crianças introduzindo o sentido de número;</li><li>- A história deve ser dividida em dois painéis, um para cada construção. (A história deve estar bem posicionada de forma a ser visível por todas as crianças) ;</li><li>- Trabalhar com o 4º Dom ( distribuído previamente) e consolidar as regras para o manusear;</li><li>- Contar a história e à medida que se revelam os acontecimentos da mesma apresentar as construções (o banco do jardim e o muro do jardim).</li><li>- Trabalhar o cálculo mental (até 10) com as construções, interagindo com os painéis.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- História da tartaruga;</li><li>-4º Dom de Froebel.</li></ul>

### Fundamentação Teórica

Escolhi a estratégia de utilizar este material matemático para trabalhar o sentido de número na resolução de pequenos problemas que ao longo da atividade foram propostos para ajudar na construção do raciocínio.

Coloquei um painel com um cenário de um jardim onde estavam animais plastificados que ajudavam nas contagens dos exercícios propostos. À medida que se faziam as construções (banco de jardim e muro do jardim), pedi o auxílio das crianças no quadro para colocarem os animais que iam aparecendo. Coloquei também algumas flores que as crianças tinham de partilhar pelo número de animais existentes. No decorrer da atividade percebi que as imagens eram relativamente pequenas, tendo em conta, a dimensão do grupo e da sala. Da próxima vez que adotar a estratégia do painel vou ter de construir as imagens maiores para que todas as crianças possam ver melhor.

De uma forma geral, a utilização do material matemático 4.º Dom de Froebel correu bem, mas, tendo em conta o conhecimento do grupo, podia ter arriscado mais na resolução de problemas.

Segundo Freire (como citado em Caldeira, 2014, p.29) “Ninguém começa a ser educador numa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. É nesta contínua aprendizagem que me enquadro enquanto pessoa e enquanto profissional, e tal como sei que devia ter arriscado mais nesta atividade, também sei que na próxima vez vou arriscar mais e aprender mais com o meu próprio erro.

### 2.3.3. Planificação da Área da Expressão e Comunicação

Esta atividade surgiu no seguimento da temática alimentação saudável, que se inclui na área do conhecimento do mundo, num grupo de crianças de 3 anos de idade (Quadro 6).

**Quadro 6** – Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação no subdomínio das Artes Visuais.

Plano de Atividades				
Escola:		Data: 20 de junho de 2017	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2	
Orientador (a) Cooperante:		Duração: 30 minutos		
Faixa etária: 3 anos				
Áreas de Conteúdo: Área de Expressão e Comunicação				
Componentes		Tempo	Estratégias	Recursos
Subdomínio das Artes Visuais: <ul style="list-style-type: none"><li>Carimbagem com legumes;</li></ul>		30 minutos	-Com as crianças no tapete, mostrar a roda dos alimentos e pedir que identifiquem o grupo das hortícolas. Dialogar sobre a importância deste setor para uma alimentação saudável e mostrar uma panela com legumes;  -Distribuir previamente pelas mesas um recipiente com tinta e dar às crianças os legumes cortados para que realizem a técnica de decalque numa folha A3;  -Distribuir plasticina e pedir às crianças que façam a sua própria sopa.	- Folha A3;  - Tintas;  - Legumes (couve roxa, alho francês, brócolos, cenoura e cebola).

## Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada foi a de distribuir pelas mesas um recipiente e dar às crianças os legumes cortados para que realizassem a técnica da carimbagem numa folha A3.

“A arte na educação deve ser baseada na liberdade de expressão e no respeito às diversidades culturais dos indivíduos” (Ferreira, 2005, p.20). Decidi escolher esta estratégia porque concordo com Ferreira (2005, p.20) “a Arte na Educação tem também como finalidade, fornecer experiências que ajudem a criança a refletir, desenvolver valores, sentimentos, emoções”, e foi isso que observei ao longo da atividade. As crianças estiveram sempre muito entusiasmadas na realização da carimbagem, e, surpreendentemente, duas das crianças mais enérgicas do grupo, ao realizarem a atividade, mantiveram-se muito calmas e ainda pediram para repetir várias vezes com outros legumes.

Se voltasse a realizar esta estratégia, colocaria numa só mesa as tintas e os legumes e chamaria duas crianças de cada vez para a atividade. Penso que assim seria mais fácil auxiliar as crianças na realização da proposta de trabalho.

### 2.3.4. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Esta planificação foi pensada para a faixa etária dos 4 anos e está inserida na Área do Conhecimento do Mundo (Quadro 7).

**Quadro 7** – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo

Plano de Atividades			
Escola:		Data: 27 de março de 2017	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2
Orientador (a) Cooperante:		Duração: 30 minutos	
Faixa etária: 4 anos			
Áreas de Conteúdo: Área do Conhecimento do Mundo			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
Conhecimento do mundo físico e natural: <ul style="list-style-type: none"><li>Os peixes;</li></ul>	30 minutos	-Sentar as crianças em roda, abordar o tema do conhecimento do mundo e deixar que as crianças falem sobre o que já sabem sobre os peixes (aproveitar as respostas das crianças para abordar as características dos peixes, o seu habitat e a sua alimentação);  -Mostrar imagens de vários tipos de peixes e dialogar sobre as características das espécies de peixes que já conhecem;  -Jogar ao jogo do peixinho;  -Levar um peixe e deixar que as crianças o explorem na realidade;	- Imagens de peixes em tamanho A3;  -Dois carapaus.

## Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada nesta planificação, foi a de levar um peixe às crianças, neste caso dois carapaus, para que o pudessem explorar. Esta exploração foi realizada através da observação do peixe e as próprias crianças é que abordaram as características do animal, passando assim, pela observação de diversos aspetos da morfologia do peixe, conseguindo, desta forma, dar às crianças um problema e serem elas próprias a resolver, criando questões e reportando às suas vivências. Segundo Vieira e Vieira (2005, p.24) “A *tempestade cerebral*, «turbilhão de ideias» ou «discussão criadoras» (traduções mais usuais do original «brainstorming») constitui um modo de estimular o gerar de novas e/ou muitas ideias.”

Levar o peixe dá oportunidade às crianças de verem com os seus próprios olhos e de mexer com as suas próprias mãos para que, segundo Pereira (2002, p.35), “se inicie cedo o processo de desenvolver a capacidade de raciocinar sobre a evidência e de usar os argumentos de forma lógica e clara”, e neste seguimento, e pela mesma autora, “Começando desde cedo o desenvolvimento destas competências construir-se-ão as bases essenciais para a educação científica com vista à literacia científica.” (p.35).

As crianças mostraram-se muito entusiasmadas com a atividade e todas puderam mexer no animal, sentir o cheiro e ver toda a sua constituição. Foi através das respostas que as crianças davam, que geri as perguntas que queria fazer acerca das características do animal, segundo Silva, et al. (2016,p.90):

o contacto com os seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem.

Tendo em conta a faixa etária, foi uma atividade que correu bem e com certeza que será para repetir, pois senti que as crianças ficaram a perceber como funciona o organismo do peixe, a sua locomoção, a sua alimentação e o seu habitat.

### 2.3.5. Planificação da Área do Conhecimento do mundo

Esta planificação refere-se à atividade realizada com um grupo de crianças de 5 anos na Área do Conhecimento do Mundo (Quadro 8).

**Quadro 8** – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo.

Plano de Atividades			
Escola:		Data: 20 de fevereiro de 2018	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2
Orientador (a) Cooperante:		Duração: 30 minutos	
Faixa etária: 5 anos			
Áreas de Conteúdo: Área do Conhecimento do Mundo			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
<b>Conhecimento do mundo físico e natural:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Água: decantação;</li></ul>	30 minutos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Levar as crianças a descobrir a questão problema – “É possível separar a água da areia?” – através de um vídeo;</li><li>- Identificar no quadro as concepções alternativas das crianças;</li><li>- Realizar a atividade experimental a pares promovendo o diálogo entre o grupo (material previamente distribuído);</li><li>- Ajudar as crianças a tirar conclusões a partir dos resultados obtidos;</li><li>- Recolher o material utilizado na experiência e contextualizar a atividade seguinte;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- projetor;</li><li>- computador;</li><li>- copos de plástico;</li><li>- água;</li><li>- areia;</li><li>- filtros de café;</li><li>- rede;</li></ul>

### Fundamentação Teórica

Os componentes abordados integram-se nas Orientações Curriculares, pois segundo Silva et al. (2016) :

“O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem”. (p.93)

Iniciei esta atividade mostrando um vídeo às crianças para poderem descobrir qual a questão problema da experiência “É possível separar a água da areia?”. Através do vídeo as crianças puderam observar as várias hipóteses para realizar a separação.

Martins et al. (2007, p.33), destaca a importância do indivíduo como agente da sua própria aprendizagem e dos conhecimentos que já tem antes de ir para escola. Desta forma

é importante que o professor identifique esses conhecimentos já adquiridos e encará-los como hipóteses e incentivar a que sejam aferidos.

O professor/educador tem o papel importante de esclarecer quanto ao propósito da atividade a desenvolver e ao que é esperado delas, de modo a potenciar as suas aprendizagens. Para que isto se desenvolva é necessário haver uma preocupação no que diz respeito à preparação de aulas, é importante utilizar as estratégias certas para que o nosso objetivo seja alcançado. “Na seleção de estratégias de ensino há que equacionar as ideias prévias identificadas nos alunos, por diversos processos, abolindo a visão tradicional de as encarar como “erros” (...)” (Martins et al. 2007, p.33).

Ainda segundo Martins et al. (2007) as crianças criam pré-conceitos sobre determinadas situações as quais cabe ao educador esclarecer, dando as ferramentas necessárias para continuar a construir esses conceitos. Os adultos, deverão proporcionar-lhes momentos a partir dos quais explorem questões e fenómenos que lhes são familiares, aumentando a sua compreensão do real.

Ao intrudizir esta atividade com um vídeo coloquei as crianças a descobrir por elas mesmas qual seria a melhor opção despertando assim a curiosidade para a atividade prática. Martins et al. (2009, p. 13) referem que a “educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente”.

Apesar de alguns assuntos, para nós adultos, poderem ser considerados como complexos não significa que as crianças não consigam pensar sobre eles, muito pelo contrário, as crianças conseguem abstrair-se de algumas barreiras que os adultos já adquiriram, Ruffman (como citado em Martins et. al.,2009) menciona:

Estudo realizados evidenciam que crianças pequenas são capazes de compreender alguns conceitos científicos, de estabelecer relações entre aquilo que pensam (a sua “teoria”) e os factos que observam e de identificar qual o modo mais adequado para testar uma dada hipótese (p.13).

Podemos concluir que o educador tem o papel fundamental de formar cidadãos capazes de analisar de forma crítica e construtivista as situações do seu dia-a-dia.

### 2.3.6. Planificação da Área Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta atividade foi realizada com um grupo de crianças de 5 anos, inserida na Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 9).

**Quadro 9** – Planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Plano de Atividades			
Escola:		Data: 10 de novembro de 2017	Nome: Inês Gomes Cerejo Ano: 1.º Turma: A N.º 2
Orientador (a) Cooperante:		Duração: 30 minutos	
Faixa etária: 5 anos			
Áreas de Conteúdo: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
<b>Identificação de Conveções da Escrita:</b> - Consciência linguística: fonológica e sintática.	30 minutos	- Partir do tema “ as castanhas” e iniciar a atividade com uma canção;  - Realizar jogos de palavras para trabalhar a consciência fonológica e sintática, utilizando o material previamente distribuído por cada criança (letras móveis e flanelógrafo);  - Distribuir uma proposta de trabalho às crianças;  - Levar um grupo de crianças à apresentação de uma lição na Cartilha Maternal João de Deus.	- Letras móveis; - Flanelógrafo; - Cartilha Maternal João de Deus.

### Fundamentação Teórica

Segundo Silva et al. (2016) “ Um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao/à educador/a criar as condições para que as crianças aprendam”, neste caso toda a atividade foi pensada para trabalhar a consciência fonológica e linguística e para isso foram utilizadas letras móveis e uma folha com linhas para ajudar na compreensão das crianças.

Esta atividade iniciou-se com uma canção, um processo simples e fundamental na aprendizagem de novos vocábulos em crianças tão pequenas. Segundo Chard e Dickson (como citado em Ruivo, 2013, p.2) “a consciência fonológica resulta de um

desenvolvimento contínuo, desde atividades simples como canções em que existem rimas, seguindo-se a segmentação de frases, a segmentação e combinação de sílabas”.

Segundo Ruivo (2013, p.1) “A consciência fonológica é uma das competências fundamentais para fazer emergir todo o potencial linguístico da criança de forma a promover uma melhor literacia”, ainda a mesma autora refere que as letras móveis são também fundamentais para a formação de novas palavras, logo, ao recorrer a este tipo de estratégias podemos ajudar as crianças a manipular e a dominar melhor estas novas aprendizagens.

Ao utilizar letras móveis para trabalhar a identificação de fonemas estamos a desenvolver esta competência que, segundo Ruivo (2013, p.2) “é inata”. Yavas, Hernandorena e Lamprecht (como citado em Ruivo 2013) afirmam que:

processos fonológicos são universais por serem inatos ao ser humano, isto é, encontrados em todas as crianças; por essa razão a base a partir da qual elas iniciam o seu desenvolvimento fonológico é sempre a mesma, com todos os processos em operação. (p.2)

Cabe a nós, futuros educador ter noção desta informação teórica sobre a língua e saber utilizar as melhores estratégias de uma forma motivadora de modo a facilitar a aprendizagem das crianças.



## **CAPÍTULO 3 - Dispositivos de Avaliação**

### **3.1. Descrição do capítulo**

O terceiro capítulo deste relatório é dedicado aos Dispositivos de Avaliação das atividades realizadas no contexto da prática profissional I, II e III. Apresento três propostas de trabalho/dispositivos de avaliação, contemplando os Domínios da Matemática, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e da Área do Conhecimento do Mundo, destinados a cada faixa etária na Educação Pré-Escolar. Serão também apresentadas grelhas com parâmetros, os critérios de avaliação, os gráficos com a análise dos resultados e, por fim, as conclusões a que cheguei.

### **3.2. Fundamentação Teórica**

Avaliar as aprendizagens das crianças, segundo Leite (2002, p.54), “pressupõe, o recurso a práticas pedagógicas que se apoiam num conjunto de procedimentos e de instrumentos diversificados”, ou seja, implica uma aplicação de estratégia segundo o que se vai avaliar. Todo este processo envolve as práticas realizadas a que o professor se propõe a concretizar com intuito de aferir as aprendizagens das crianças. Segundo Pacheco (1994, p.11) “uma das componentes fundamentais da prática pedagógica, funcionando de modo sistematizado e inter-relacionando com todas as outras componentes”.

A avaliação deve ter como objetivo principal verificar se aquele grupo de crianças está a adquirir um determinado tipo de conhecimentos, e para isso o educador deve adaptar as estratégias que estimulem a comunicação entre a criança e o educador, de forma a facilitar este processo de diagnóstico.

Este processo deve ser entendido como um meio para resolver as dificuldades da criança, pois, segundo Abrecht (1986, p.35), é útil “tanto a quem aprende como a quem ensina, podendo servir quer para fazer o ponto de situação, quer para encontrar meios de combater falhas”. De acordo com a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação, é uma ferramenta de apoio importante:

a avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução.

Segundo Fernandes 2005 (como citado em Gaspar 2010, p.75)

a avaliação das aprendizagens pode e deve ser entendida como todo o qualquer processo deliberado e sistemático de recolha de informação, mais ou menos participado e interativo, mais ou menos negociado, mais ou menos conceptualizado, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer numa diversidade de situações.

Na educação pré-escolar, tal como é referido por Gaspar 2010, pratica-se a avaliação diagnóstica, que é a primeira a ser elaborada e realizada, geralmente realiza-se no início de cada ano letivo e sua finalidade é a preparação inicial para a aprendizagem. Já a avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático, recolhe a uma grande variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados às aprendizagens.

As avaliações que realizei foram baseadas na escala de Likert, que compreende os valores entre 0 e 10, tal como se pode verificar no quadro (número do quadro).

**Quadro 10 – Escala de Likert**

1– Fraco	0 a 2 valores
2 – Insuficiente	3 a 4 valores
3 – Suficiente	5 a 6 valores
4 – Bom	7 a 8 valores
5 – Muito Bom	9 a 10 valores

### **3.3. Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

#### **3.3.1 Contextualização da atividade**

A presente proposta de atividade explora o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que foi realizada no dia 3 de novembro de 2017, por um grupo de 22 crianças com 5 anos de idade.

Esta proposta de trabalho (anexo 1) integra 3 exercícios, no primeiro, as crianças têm de distinguir as letras vogais das letras consoantes com a diferenciação de cores; o segundo exercício requer que as crianças identifiquem a primeira letra do nome da imagem que observam e que selecionem apenas as imagens iniciadas pelo som da letra

“v”; o terceiro e último exercício consiste na identificação da letra “t” através de uma pequena sopa de letras.

### **3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Nesta proposta de atividade foram formulados três parâmetros de avaliação:

- 1. Identificação de vogais e consoantes:** neste parâmetro, verifiquei se as crianças distinguem as letras vogais das letras consoantes através da associação de uma cor a cada uma delas.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Identifica todas as vogais e consoantes;
- Identifica 2 a 3 letras vogais;
- Identifica 1 a 2 letras consoantes;
- Resposta incorreta;

- 2. Reconhecimento do som da letra “v” no início da palavra:** neste parâmetro analisei o reconhecimento do som da letra “v” através de imagens.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Reconhece as seis imagens com o som da letra “v”;
- Reconhece algumas imagens como som da letra “v”;
- Resposta incorreta.

- 3. Identificação da letra “t”**

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Identifica doze vezes a letra “t”;
- Identifica 2 a 3 vezes a letra “t”;
- Não identifica a letra “t”.

No seguinte quadro (número do quadro) apresento a grelha de avaliação no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

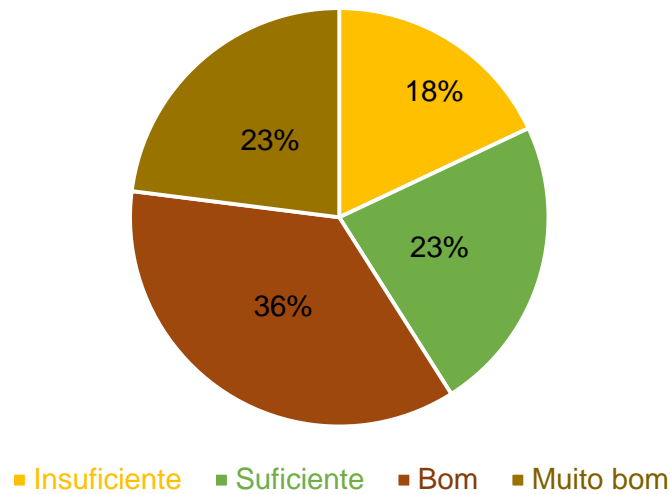
**Quadro 11 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	Identificação de vogais e consoantes	Identifica todas as vogais e consoantes	4	4
		Identifica 2 a 3 letras vogais	2	
		Identifica 1 2 letras consoantes	1	
		Resposta incorreta	0	
2	Reconhecimento do som da letra “v” no início da palavra	Reconhece as seis imagens com o som da letra “v”	4	4
		Reconhece algumas imagens com o som da letra “v”	2	
		Resposta incorreta	0	
3	Identificação da letra “t”	Identifica doze vezes a letra “t”	2	2
		Identifica 2 a 3 vezes a letra “t”	1	
		Não identifica a letra “t”	0	
Total				10

### 3.3.3. Apresentação e análise de resultados

Após a correção e análise do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (anexo 2), realizada com um grupo de 22 crianças com 5 anos de idade, posso verificar que 4 crianças tiveram mais dificuldade em atingir os objetivos pretendidos. Estas crianças têm em comum o facto de não conseguirem identificar a letra “t”. Posso concluir que ainda há que trabalhar com estas crianças no reconhecimento desta letra. O resto do grupo atingiu, na maioria, os objetivos propostos, 23% como suficiente, 23% de resultado muito bom e 18% de bom (figura 11).

### Resultados da Avaliação da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



**Figura 11** - Gráfico com os resultados da avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A avaliação deve ser vista como um progresso na aprendizagem, pois, segundo a circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011 permite “(...) reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens (...)”.

Com estes resultados, penso que o educador deverá reorganizar as suas planificações e coordenar as suas estratégias de forma a resolver todas as dificuldades das crianças, para que, numa outra avaliação, os resultados sejam reveladores de aprendizagens das crianças. Uma estratégia possível para ajudar no reconhecimento das letras, é fazer pequenos ditados de palavras que contenham as letras que as crianças apresentaram mais dificuldade em identificar, ao fazê-lo, estará a trabalhar tanto o fonema da letra como o seu grafismo, ajudando no processo de identificação.

### **3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática**

#### **3.4.1. Contextualização da atividade**

A presente proposta de atividade foi realizada no dia 18 de dezembro de 2017 com um grupo de crianças de 3 anos de idade e explora o domínio da Matemática. Esta proposta de trabalho (anexo 3) contempla dois exercícios onde as crianças identificam formas geométricas através de cores diferentes. No primeiro exercício é pedido que pintem apenas os quadrados; no segundo exercício é pedido que as crianças pintem de verde os triângulos e de azul os círculos.

#### **3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Nesta atividade, foram estabelecidos os seguintes parâmetros de avaliação:

- 1. Identificação de quadrados:** neste parâmetro verifiquei se as crianças sabem identificar a figura do quadrado.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Pinta três quadrados;
- Pinta dois quadrados;
- Pinta um quadrado;
- Resposta incorreta.

- 2. Reconhecimento de triângulos e círculos:** neste parâmetro observei se a criança identifica a figura do triângulo e do círculo.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Reconhece três círculos e dois triângulos;
- Reconhece alguns triângulos e círculos;
- Não reconhece.

- 3. Motricidade fina:** neste parâmetro, observei e registei se as crianças, ao pintarem as imagens, respeitavam o seu contorno (exercícios 1 e 2).

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Pinta todas as figuras, respeitando os contornos das figuras;
- Pinta mas não respeita todos os contornos das figuras;
- Não pinta.

Em seguida, no quadro 6 apresento a grelha de avaliação da proposta de atividade do domínio da Matemática.

**Quadro 12** - Grelha de avaliação da proposta de atividade no domínio da Matemática

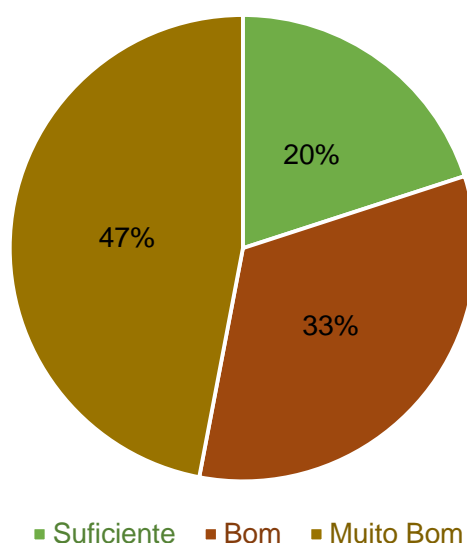
	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	Identificação de quadrados	Pinta três quadrados	4	4
		Pinta dois quadrados	2	
		Pinta um quadrado	1	
		Resposta incorreta	0	
2	Reconhecimento de triângulos e círculos	Reconhece três círculos e dois triângulos	4	4
		Reconhece 1 a 2 triângulos e círculos	2	
		Não reconhece	0	
3	Motricidade fina	Pinta todas as figuras, respeitando os contornos das figuras	2	2
		Pinta mas não respeita todos os contornos das figuras	1	
		Não pinta	0	
Total				10

### 3.4.3. Apresentação e análise de resultados

Com base na análise da grelha de correção (anexo 4) referente à avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática, com um grupo de 15 crianças com 3 anos de idade, concluo que a maioria das crianças atingiu os objetivos pretendidos, apesar de existir algumas crianças que não respeitaram os contornos ao pintarem as figuras. Na figura 9 é possível verificar que 20% das crianças tiveram suficiente, 33% obtiveram bom e 47% muito bom.



### Resultados da avaliação do Domínio da Matemática



**Figura 12** – Gráfico com a avaliação da proposta de atividade do domínio da Matemática

Depois desta reflexão, posso concluir que, apesar dos bons resultados do grupo, ainda há um grande trabalho a desempenhar da parte do educador, nomeadamente, na distinção entre as figuras geométricas: triângulo e círculo. Tendo em conta a faixa etária penso que a realização de pequenos jogos com formas geométricas irá ajudar a melhorar estes resultados, como por exemplo, com a utilização do material matemático blocos lógicos.

### **3.5. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo**

#### **3.5.1. Contextualização da atividade**

Esta proposta de atividade foi realizada no dia 23 de janeiro de 2018 com um grupo de 18 crianças com 4 anos de idade. A atividade foi desenvolvida no âmbito da área do Conhecimento do Mundo, integrando a componente da Abordagem às Ciências.

A atividade consistiu na realização de um protocolo experimental, baseado na mistura de cores e na concretização da mistura de cores através da plasticina. Numa primeira fase deixei que as crianças realizassem as suas previsões. De seguida, cada criança teve uma plasticina de cor amarela e outra de cor magenta e fizeram a mistura das duas plasticinas. O mesmo procedimento foi repetido para a cor azul e a cor amarela. Após a junção das plasticinas as crianças brincaram livremente com as cores obtidas.

#### **3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Nesta proposta de atividade foram estabelecidos os seguintes parâmetros de avaliação:

- 1. Junção de duas cores para obter a cor laranja:** neste parâmetro verifiquei se as crianças conseguiram fazer a junção das duas cores de forma a obter a cor laranja.

Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Realiza a mistura das cores sem dificuldade;
- Realiza a mistura com dificuldade mas obtém a cor correta;
- Realiza a mistura com dificuldade e não obtém a cor correta;
- Não consegue fazer a mistura das cores.

- 2. Junção das duas cores para obter a cor verde:** neste parâmetro analisei se as crianças conseguiram fazer a junção das duas cores de forma a obter a cor verde.

Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Realiza a mistura das cores sem dificuldade;
- Realiza a mistura com dificuldade mas obtém a cor correta;
- Realiza a mistura com dificuldade e não obtém a cor correta;
- Não consegue fazer a mistura das cores.

**3. Motricidade Fina:** neste parâmetro avaliei se as crianças tiveram destreza ao manipular o objeto.

Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Tem coordenação e destreza ao manipular o objeto;
- Não tem coordenação nem destreza ao manipular o objeto.

No quadro 13 apresento a grelha de avaliação na Área do Conhecimento do Mundo.

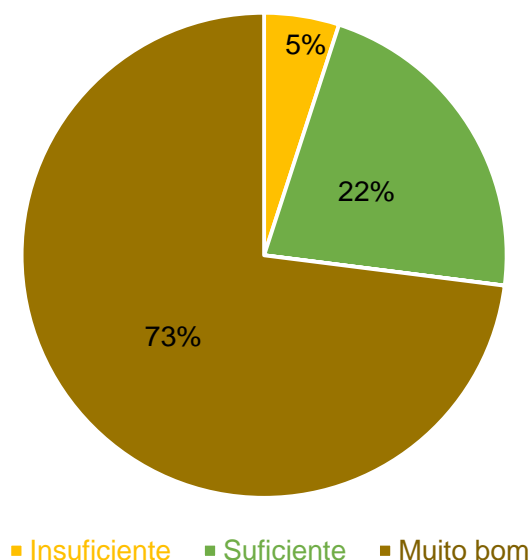
**Quadro 13** – Grelha de avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	Junção de duas cores para obter a cor laranja	Realiza a mistura das cores sem dificuldade	4	4
		Realiza a mistura com dificuldade mas obtém a cor correta	3	
		Realiza a mistura com dificuldade e não obtém a cor correta	1	
		Não consegue fazer a mistura das cores	0	
2	Junção de duas cores para obter a cor verde	Realiza a mistura das cores sem dificuldade	4	4
		Realiza a mistura com dificuldade mas obtém a cor correta	3	
		Realiza a mistura com dificuldade e não obtém a cor correta	1	
		Não consegue fazer a mistura das cores	0	
3	Motricidade fina	Tem coordenação e destreza ao manipular o objeto	2	2
		Não tem coordenação nem destreza ao manipular o objeto	0	
Total				10

### 3.5.3. Apresentação e análise de resultados

Com base na grelha de correção da proposta de atividade da área do Conhecimento do Mundo (anexo 5) e no gráfico (figura 13), posso concluir que a maioria das crianças atingiu os objetivos propostos.

#### Resultados da Avaliação da Área do Conhecimento do Mundo



**Figura 13** - Gráfico com a avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Os resultados revelaram que as crianças tiveram alguma dificuldade na primeira mistura de cores, tendo vindo a melhorar na segunda mistura de cores. Apenas uma criança mostrou mais dificuldade em misturar as plasticinas, neste caso exemplifiquei junto da criança como se misturavam as plasticinas ajudando-a a conseguir o resultado final.

De acordo com Silva et al. (2016, p.85) “as crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais”, na mesma linha de pensamento, penso que o educador tem o papel fundamental de proporcionar às crianças as ferramentas necessárias para a prática das ciências experimentais. Neste caso em concreto poderia, daqui a diante, continuar a pedir que descobrissem novas cores através de outro tipo de materiais que não a plasticina.

## **CAPÍTULO 4 - Apresentação de um projeto**

#### **4.1. Introdução ao Projeto**

Um dos grandes problemas ambientais que existem no nosso planeta é o lixo. Todos sabemos que devemos fazer reciclagem para que os objetos possam ter uma nova utilidade, mas também existem muitos problemas, como a colocação de resíduos em áreas que não são de depósito de lixo. A prevenção do meio ambiente passa pelos hábitos das pessoas, pelos seus valores e educação. Cabe à escola promover hábitos, sobretudo o da reciclagem, para que os cidadãos do futuro sejam responsáveis pelo ambiente.

O presente projeto foi feito para consciencializar as crianças para a educação ambiental e promover a sua responsabilidade e autonomia. A consciência ambiental faz parte do currículo das escolas, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (Silva et al. 2016, p.88), “uma abordagem, contextualizadora e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental”.

Tal como referido na citação anterior, e como estagiária do mestrado em educação pré-escolar, sinto que ainda há, cada vez mais, a necessidade de abordar uma consciencialização ambiental com as crianças. Nas observações que fiz ao longo dos estágios que realizei, verifiquei que as crianças sabem o que devem fazer para tornar o planeta mais saudável mas na verdade, a grande maioria das vezes não é posto em prática. Cabe à escola ser o exemplo de como passar da teoria da formação ambiental à prática diária. Segundo Bertrand, Valois e Jutras (1997, p.9), “Para um posicionamento ecológico renovado, poderemos passar de uma cultura educativa industrial (...) para uma cultura da educação onde a relação entre o aluno e o ambiente em que vive se torna matéria para compreender e objecto de intervenção”.

Este projeto é realizado para sensibilizar as crianças para tema da reciclagem e promover a cooperação entre a escola e a família com a recolha dos materiais. Um dos grandes objetivos deste projeto é promover a interdisciplinaridade com todas as áreas do ensino e desenvolver assim um conceito ambiental renovado e interdisciplinar: na introdução ao tema, na seleção dos materiais e organização de dados e na construção de novos materiais.

## **4.2. Fundamentação Teórica do Projeto**

### **4.2.1. O Trabalho de Projeto**

Segundo Formosinho, Gambôa, Formosinho e Costa (2011, p.61) “ a pedagogia, que subjaz ao trabalho projeto, visa a formação de comportamentos, competências, atitudes e valores”, e um trabalho de projeto é, sem dúvida, um trabalho construtor do conhecimento da criança.

É, neste sentido, que um trabalho de projeto educativo deve passar por uma partilha de experiências enriquecedoras para quem o concretiza, promovendo a participação entre os pares e a comunidade para que haja um desenvolvimento da compreensão e do pensamento reflexivo. Logo, “o contexto educativo da classe, ou da escola incrementa relações entre grupos de crianças e entre estas e o exterior, reconstruindo significados pessoais e sociais numa interação humanista e socializadora” (Formosinho, Gambôa, Formosinho & Costa, 2011, p.63).

Um trabalho de projeto educativo deve manter a interdisciplinaridade com todas as áreas, principalmente um projeto como este, que é para ser aplicado nas escolas. Tal como é referido em Guimarães e Many (2006, p.12), “na escola, o Trabalho de Projeto permite a aquisição de saberes oriundos de diferentes áreas: da Língua Portuguesa, da Matemática, da Informática, mas também do Social e do Metodológico e duma multiplicidade de disciplinas que podem vir a ser abordadas no decorrer da pesquisa”. Todas estas interações com outras áreas do saber vão ser sem dúvida vantajosas para o aluno, permitindo uma grande variedade de experiências e saberes.

Um projeto, segundo Leite e Malpique (1992, p.16), “ difere dum primeiro impulso e dum desejo pelo trabalho que supõe, trabalho de elaboração segundo um plano e um método de acção baseados na previsão das consequências em dadas condições e numa certa direção”. Plano este que pode ser dividido em três fases: numa primeira fase a observação, numa segunda fase onde está presente o conteúdo e numa última fase a avaliação.

Existe um conjunto de ações essenciais que, segundo Guimarães e Many (2006, p.14), estão quase sempre associadas a um trabalho de projeto:

- “Preparar o projeto”, é nesta fase que se escolhe a temática do projeto;
- “Investigar”, é onde se percebe a exequibilidade do tema;
- “Apresentar”, onde se planifica toda a atividade do projeto;

- “Avaliar”, é o momento que se percebe como decorreu o projeto e se percebe a certeza e a incerteza das ações planeadas.

#### **4.2.2. A Educação Ambiental**

Este é um dos temas mais debatidos desde há alguns anos Oliveira (1989, p.5) “ A tentativa de dar um carácter mais cultural à Educação e a necessidade de que a pedagoga tem função importante na prevenção do ambiente têm permitido o relativo incremento da Educação Ambiental”. Para abordar este tema, é importante referir que existe legislação nesta área, nomeadamente a lei n.º 11/87, de 7 de Abril e a lei de Bases do Ambiente (artigo 2º princípio geral) que diz :

- Todos os cidadãos têm direito a um ambiente humano e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender, incumbindo ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares e comunitárias, promover a melhoria da qualidade de vida, quer individual, quer colectiva.
- A política de ambiente tem por fim otimizar e garantir a continuidade de utilização dos recursos naturais, qualitativa e quantitativamente, como pressuposto básico de um desenvolvimento autossustentado.

É importante esta consciencialização para que o cidadão perceba que é necessário trabalhar na qualidade de vida Humana e na sua prevenção. É através da escola que se pode trabalhar no sentido de educar os mais novos para esta consciência. Como realçado em Beltrand, Valois & Jutras (1997, p.9) “ é importante constatar que a escola é uma instituição social que pode desempenhar um papel significativo na evolução das mentalidades”.

Nesta ética, penso que o ideal é passar da exposição das matérias à posição prática da própria matéria. Beltrand, Valois & Jutras (1997, p.10) “ Não se trata simplesmente de ensinar aos nossos futuros professores o maneio de um certo número de receitas felizes. É necessário colocar à frente deles o problema da cultura secundária na sua totalidade”.



## **4.3. Desenvolvimento do projeto**

### **4.3.1. Problema**

- Como separar e reutilizar materiais?

### **4.3.2. Problemas parcelares**

- Para que serve a separação de materiais?
- Qual o nosso papel na separação do lixo?
- O que é a reciclagem?
- O que são os “3R’s”?
- O que não se pode reciclar?
- Para onde vai o lixo reciclado?
- O que se pode fazer com material reciclado?

### **4.3.3. Destinatários**

- Crianças na faixa etária dos 5 anos.

### **4.3.4. Entidades envolvidas**

- Escola;
- Centro de Triagem e Reciclagem.

### **4.3.5. Motivação e Negociação**

A fase de motivação e negociação decorrerá durante 4 semanas.

Na primeira semana abordar o tema da reciclagem mostrando vídeos e imagens que levem as crianças a perceber o impacto que há no planeta se não tomarmos uma atitude ambiental. Mostrar às crianças quais os ecopontos que existem e como funciona toda a separação do lixo.

Na segunda semana visitar um centro de triagem e reciclagem, para que as crianças possam observar exatamente o que acontece ao lixo, tal como já se tinha abordado na semana anterior em sala de aula. Após a visita, proporcionar um momento durante o qual as crianças partilhem o que viram, o que sentiram e se compreenderam

todo o processo. Já desde a segunda semana tentar que este seja um tema comum em todas as áreas do saber e interligar as situações diárias.

#### **4.3.6. Objetivos Gerais**

- Promover educação ambiental no ambiente escolar;
- Despertar a consciência crítica sobre as graves questões ambientais que envolvem o lixo produzido na escola;
- Desenvolver uma visão local dos problemas ambientais relacionados à falta de reciclagem do lixo;
- Sensibilizar e conscientizar os alunos quanto a importância da implantação dos 3R (redução, reutilização e reciclagem) para a conservação e preservação do ambiente em que vivem;
- Incentivar e promover o trabalho coletivo e a cooperação entre os alunos e os professores, entre a escola e a comunidade;
- Desenvolver trabalhos artísticos e didáticos com material reciclável;
- Promover a mudança comportamental dos alunos, com formação de novos hábitos relacionados a utilização responsável dos recursos naturais e o descarte correto dos resíduos sólidos;
- Realizar uma exposição com os trabalhos realizados ao longo do ano;
- Promover a interdisciplinaridade.

#### **4.3.7. Objetivos Específicos**

- Tomar consciência da importância de fazer reciclagem;
- Aprender a separar o lixo para a reciclagem;
- Aprender a reutilizar materiais;
- Assumir responsabilidade na recolha dos materiais;
- Conscientizar as crianças para a importância do papel de cada um neste projeto.
- Cooperação.

#### **4.3.8. Planeamento**

- **1.ª Fase – Sensibilização ao tema**

Levar as crianças a perceber o que está errado dentro da sala de aula e o que podemos melhorar para tornar a sala mais ecológica. Aqui é extremamente importante recolher todas as ideias das crianças e a partir desse momento pô-las em prática. O grande objetivo é que sejam atitudes que possam contagiar todo o meio escolar e quem sabe até nas próprias casas das crianças.

É importante a realização de uma reunião com os encarregados de educação de forma a explicar o que vai acontecer ao longo do ano letivo e como é importante a ajuda dos mesmos para a realização do projeto.

Iniciar a recolha de objetos. Neste caso, e durante os primeiros três meses (outubro, novembro e dezembro) pede-se às crianças que recolham o máximo de tampas de plástico possíveis e que as levem para a escola. As tampas de plástico são um objeto pequeno, fácil de transportar e que todos tem acesso, de forma a não causar grande transtorno logo no início da ação no nosso projeto. No átrio da escola deverá existir uma estrutura de cartão reutilizado, bem identificado, para que as crianças possam deixar logo à entrada as tampas.

O objetivo desta primeira fase é que tanto as crianças como os seus encarregados de educação, percebam o impacto que tem esta recolha, e que ao longo de três meses possam contagiar toda a comunidade escolar.

É muito importante que na sala de aula haja diálogo com as crianças sobre a recolha, sobre o que estão a sentir e até mesmo realizar contagens de quantas tampas trouxeram e quantas ainda querem trazer.

- **2.ª Fase – Recolha de tampas**

Nesta fase é importante dar responsabilidade às crianças no sentido em que elas têm de ser autónomas o suficiente para fazer a triagem em casa, saber quantas tampas trazem para a escola e quantas ainda querem trazer. Na sala de aula deverá existir um quadro com os nomes das crianças e uma calendarização, quando entram na sala apontam nesse quadro as tampas que trouxeram nesse dia.

Numa primeira semana, a educadora deverá ajudar neste processo, sendo que o objetivo é que as crianças sejam honestas e autónomas para serem elas a escrever no quadro a quantidade de tampas que trouxeram. Esta estratégia faz com que se entusiasmem em trazer cada vez mais tampas para alcançar o maior número de tampas recolhido nessa semana.

Ao longo de três meses (outubro, novembro e dezembro) deverá fazer-se uma contagem semanal (anexo 7) do que já foi recolhido e há medida que as semanas vão passando, perceber se a recolha está em crescimento ou se é necessário recorrer a ações mais motivadoras para continuar a qualidade do projeto.

Nesta fase, em sala de aula, todas as propostas de trabalho podem e devem ser realizadas de forma a que as tampas já possam ser utilizadas. Por exemplo, no domínio da matemática para realizar conjuntos com tampas, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita para trabalhar a divisão silábica das palavras, fazendo com que cada tampa tenha uma sílaba, no subdomínio das artes visuais para construírem bonecos coloridos e na área do conhecimento do mundo, dentro do tema “prevenção rodoviária”, a construção de circuitos. E a pouco e pouco as crianças vão percebendo que a sua ação de recolha é realmente útil.

### • **3.ª Fase – Recolha de cartão**

Partindo da mesma linha de trabalho e terminada a recolha das tampas, é hora de passar para a recolha de cartão. A estratégia mantém-se a mesma, depositar o cartão recolhido à entrada, escrever no quadro da sala de aula a quantidade recolhida e, dentro da sala, utilizar o máximo de vezes possível o cartão já recolhido. Por exemplo, nesta fase as crianças já sabem a maioria das letras do alfabeto, seria interessante reaproveitar o cartão para as crianças escreverem palavras, frases, decorar e fazer parte da decoração da primavera da sala de aula.

Outra proposta seria, recortar formar figuras geométricas no cartão e realizar pequenos jogos com as mesmas. Construir instrumentos musicais, prenda para o dia do pai, etc. A ideia é mesmo reaproveitar ao máximo o material recolhido nas atividades em sala de aula. Relembrar que todas as semanas se deve organizar os dados da tabela em conjunto com as crianças, para avaliar o processo do projeto. Esta fase também durará 3 meses (janeiro, fevereiro e março).

- **4.ª Fase – Transformação**

É nesta fase que se espera existir uma transformação quer ao nível das crianças envolvidas no projeto e os seus encarregados de educação, mas também de toda a comunidade escolar.

Ao longo dos estágios que tenho realizado como aluna do mestrado em educação pré-escolar, tenho verificado que a grande maioria das salas não têm caixotes de separação de lixo, então, este é o projeto ideal para por em prática esta observação e passar à construção de ecopontos reciclados.

Na 4.ª fase só faltarão 3 meses (abril, maio e junho) para o projeto terminar, a estratégia mantém-se, e nestes últimos três meses deverá realizar-se a recolha de garrafas de plástico. Ao longo das semanas deverá ser lançado o desafio às crianças de construir, com os materiais já recolhidos, ecopontos para colocar em todas as salas da escola. Assim, é quase garantido que, após tanta originalidade e dedicação, todas as salas possam ajudar na qualidade ambiental do nosso planeta e façam a separação do lixo.

- **5.ª Fase – Exposição**

Na última fase, é suposto ter gerado uma onda solidária entre toda a comunidade escolar e encarregados de educação, na recolha dos objetos, na construção de novos materiais, e em toda a organização na construção dos novos ecopontos. Os encarregados de Educação deverão ter o papel de incentivar a criança no projeto e implementar atitudes ecológicas em casa, a educadora deve ouvir a opinião dos pais ao longo do projeto de forma regular mas não saturante.

O grande objetivo do projeto é garantir que todas as salas têm pelo menos três ecopontos (amarelo, azul e verde), feitos pelas crianças e de materiais recolhidos ao longo do ano letivo. Na última semana de aulas deverá ser realizada uma exposição com todos os materiais construídos ao longo do projeto, com os quadros de organização de dados e com os ecopontos a oferecer às outras salas.

Considero deste modo que é importante contagiar toda a comunidade escolar com este projeto para que possa ser alargado a outras faixas etárias e, quem sabe, até mesmo para fora da escola. Neste projeto não se deverá recolher vidro, nem outros

materiais que ponham em risco a saúde de crianças tão pequenas ao transportar os mesmos.

#### **4.3.9. Recursos**

##### **Recursos materiais**

- Transporte das crianças para o centro de triagem;
- Gasolina para o transporte;
- Refeições para o dia da visita;
- Material para reutilização: plástico, cartão, tesouras e colas.

##### **Recursos humanos**

- Diretor da escola;
- Professores titulares de turma;
- Pessoal auxiliar da escola;
- Motorista do autocarro;
- Encarregados de educação.

#### **4.3.10. Produtos finais**

- Exposição com os materiais reciclados realizados ao longo do projeto. Esta seria organizada em 4 áreas: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática, Área de Conhecimento do Mundo e Domínio da Expressão Artística;
- Ecopontos em todas as salas.

#### 4.3.11. Avaliação

##### Do processo

O projeto é composto por 5 fases, e ao longo dessas fases as crianças vão organizando os dados da recolha dos objetos, mantendo assim uma estatística de como está a decorrer o projeto.

##### Do produto final

Aqui, é importante perceber se as estratégias utilizadas foram úteis para o objetivo deste projeto, e quais foram as dificuldades encontradas no decorrer das semanas de recolha. Na exposição final dos materiais deverá existir um espaço onde toda a comunidade poderá deixar todo o tipo de sugestões para um melhoramento de um projeto deste intuito, quais as competências que a comunidade acha que foram adquiridas e novas sugestões de projetos futuros.

#### 4.3.12. Calendarização

Este projeto terá a duração de um ano letivo divididos pelos vários meses do ano (quadro 14).

**Quadro 14** - Calendarização do projeto.

	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J
Motivação e Negociação- 1. <sup>a</sup> Fase										
2. <sup>a</sup> Fase										
3. <sup>a</sup> Fase										
4. <sup>a</sup> Fase										
5. <sup>a</sup> Fase										
Avaliação										

#### **4.4. Considerações Finais do Trabalho de Projeto**

Reconheço que este projeto a que me proponho é relativamente simples mas não é fácil de realizar sem uma boa equipa de trabalho. É necessário existir uma boa organização e planificação do projeto para que possa ser realmente eficaz e cumprir com os objetivos propostos.

Por maiores dificuldades que possam surgir, acredito que o sucesso de qualquer instituição passa pela entrega, pela partilha e pelo amor que dedicamos em cada coisa que fazemos, e mesmo que não se consiga alcançar os objetivos propostos, pelo menos que se consiga passar estes valores tão importantes para os cidadãos do futuro.

Considero que o mundo está em mudança e enquanto futura educadora tenho o papel importante de ajudar crianças a ver o mundo em constante mudança e adaptação. Nesta perspetiva, Santos (1991, p.123) afirma que “é o diálogo entre as velhas e as novas ideias que faz com que o aluno reflita em que extensão aquelas mudaram”.

Acredito que são projetos como este que fazem mudar mentalidades e gerar ondas de positivismo, mas volto a referir que nada é possível sozinho, é necessário trabalhar em equipa e passar essa ideia para as crianças. Precisamos da ajuda de todos para conseguir alcançar os nossos objetivos.



# Reflexão Final

Segundo Caldeira, Pereira e Silveira-Botelho (2017, p.47) “aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores”. De facto, foi este o meu processo de aprendizagem ao longo dos quase 5 anos de formação na ESE João de Deus. Sempre com a preocupação de aliar teoria à prática, esta instituição munuiu-me com as ferramentas fundamentais para ser uma profissional de excelência.

Neste sentido posso concluir que os estágios, colocando-nos diretamente no terreno educativo, dão-nos uma perceção real do que será o nosso trabalho futuro. Por outro lado, todas as experiências vividas no âmbito dos estágios, mais ou menos positivas, têm igual valor para o nosso amadurecimento pessoal, na medida em que nos permitem perceber aquilo que queremos imitar e aquilo que nunca integrará as nossas práticas. Foi no estágio que comecei a definir o meu perfil de educadora, aquilo que quero e espero ser como profissional. Oliveira Formosinho (como citado em Caldeira, Pereira & Silveira-Botelho, 2017) destacam a :

(...) importância da constante atualização do conceito e funcionalidade da supervisão, na medida em que esta desenvolve e reconstrói, colocando-se num papel de apoio e não de inspeção, de colaboração ativa em metas acordadas através de contratualização, de envolvimento na ação educativa quotidiana (...) de experimentação refletida através da ação que procura responder ao problema identificado. (p.49)

Por outro lado, considero a prática reflexiva junto dos nossos orientadores um privilégio. A oportunidade de poder ouvir as ideias e os conselhos de quem tem muitos anos de experiência no ensino, a possibilidade de partilhar receios, aspirações e conceções com os professores da Escola Superior de Educação João de Deus foi um dos pontos fulcrais na minha aprendizagem.

Segundo Macedo (2002),

Um dos desafios à prática reflexiva é aceitar sua a função como observação e leitura da nossa experiência, como um modo de olhar, ouvir, tocar e falar da nossa prática tal como ela pode ser realizada, como um modo de lhe atribuir significados e respeitar as suas características e formas de expressão. (p.14)

Posto isto, foi muito gratificante pôr em prática todas as minhas aprendizagens e poder receber o *feedback* das orientadores que sempre se disponibilizaram para me ajudar, tal como todas as educadoras com quem estagiei. Considero muito importante

ter estagiado desde o primeiro ano de licenciatura, permitiu-me ter uma visão do que é ser profissional de educação e permitiu-me crescer profissionalmente, aprender a superar obstáculos e mais que isso permitiu-me apaixonar-me cada vez mais pela profissão de educadora. Neste sentido, Caldeira et. al (2017, p.68) afirma que “é a observação e a lecionação de aulas, pois a partir da realidade podemos refletir sobre o papel do orientador cooperante e a respetiva dimensão pedagógica”.

Confesso que me deparei com uma série de obstáculos ao longo destes anos de formação, no entanto este processo de aprendizagem foi enriquecedor em termos pessoais e profissionais. Procurei sempre adotar novas estratégias, ouvir com humildade os conselhos e críticas construtivas que me foram sendo feitas, adaptar as ideias que me eram dadas aos grupos e à minha personalidade. Acima de tudo, procurei fazer melhor, pelas crianças que me são confiadas. E é esta a grande aprendizagem que fiz neste curso – é sempre possível fazer melhor, educar com mais rigor, com mais amor, com mais sucesso! Poder partilhar este desejo de fazer melhor e o gosto por esta profissão com profissionais de excelência foi verdadeiramente gratificante.

Não queria deixar de referir que prova final foi um marco importante na minha formação, foi o culminar de todas as aprendizagens onde pude arriscar e, acima de tudo, provar a mim mesma que estou pronta para passar ao nível seguinte e desafiar-me ainda mais, agora como educadora titular .

Em suma, a construção deste relatório, bem como a realização do estágio profissional levou-me a refletir sobre as minhas práticas, deu-me uma visão mais pormenorizada da realidade educativa e da minha postura enquanto futura educadora. Naturalmente, a minha aprendizagem não acaba aqui, na verdade começa aqui. Sigo no cumprimento daquilo que acredito ser a minha vocação, num desejo de serviço e entrega ao outro, pela construção de um mundo melhor, sempre com a disponibilidade e humildade para aprender.

A realização deste Relatório de Estágio Profissional foi um modo de transição do que foi o meu percurso e crescimento académico e pessoal. No que diz respeito a “limitações”, considero que a fundamentação teórica foi, verdadeiramente, um desafio, já que há que desenvolver um exaustivo trabalho de pesquisa de modo a fundamentar a informação.

O equilíbrio teórico-prático foi, também, um fenómeno difícil de gerir, dada à exigência e dedicação que as unidades curriculares da ESE João de Deus e o estágio profissional requerem. A polivalência foi uma preocupação constante, e uma das mais

atrozes dificuldades com que me defrontei ao longo do tempo que realizei este relatório, pois nem sempre me dediquei à sua construção como gostaria.

A aprendizagem é constante e sem dúvida que a curiosidade assim também é alimentada. Sendo que este trabalho me abriu horizontes para continuar a experienciar do imenso que as crianças nos têm a oferecer, na medida em que essa informação possa vir a ser uma impulsão para melhorar o trabalho educacional futuro, para que cada geração possa ser, cada vez mais instruída que a anterior.

Com isto, ressalvo a importância da sabedoria. E é isto que me motiva. A informação está em constante mutação e cada geração é diferente. Cabe ao educador estar preparado a todos os níveis para prevenir, prever e superar qualquer género de necessidade que os seus instruendos venham a sentir.

# Referências Bibliográficas

Abrecht, R. (1004). *A avaliação formativa*. Rio Tinto: Edições ASA.

Almeida, J. (2017). O papel da supervisão pedagógica. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 5, 28-43.

Azevedo, M. G. & Migueis, M. R. ( 2007). *Educação Matemática na Infância*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

Azenha, M. (1997). *Sugestões para tornar a aprendizagem em prazer*. Porto: Edições ASA.

Angón, Y., P., Castillo, J., D., Crespo, M., Á., G., Echeverría, M., P., P., Pozo, J., I. (1994). *A solução de problemas*. Brasil: Editora Artes Médicas Sul.

Beltrand, Y., Valois, P., Jutras, R. (1998). *A ecologia na escola: inventar um futuro para o planeta*. Lisboa: Piaget.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Museu João de Deus.

Caldeira, M. F. (2014). A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 2, 28-37.

Caldeira, M. F., Pereira, C., P., Silveira-Botelho, T. (2017). Supervisão e avaliação da prática profissional no ensino superior. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-69.

Canavarro, A.L., Marques, P., & Santos, L. (1999). *Normas para avaliação em matemática escolar*. Associação de Professores de Matemática.

Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011.

Commission on Teaching Standards for School Mathematics. (1991) *Normas profissionais para o ensino da matemática*. Virginia: Copyright.

Consiglieri, J. (2017). Percecionar, Pensar e Dialogar a Natureza na Educação Estética e Artística. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 90-96. ISSN 1647-7707

Decreto-Lei n.º79/2014, de 14 de maio.

Deus, M.L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Associação Jardins-Escolas João de Deus

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Ferreira, A. (2005). *A criança e a arte*. Rio de Janeiro: Wak.

Ferreira, C. C. A. (2011). *Relatório de estágio: O uso de materiais manipuláveis estruturados na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Açores: Universidade dos Açores Departamento das Ciências da Educação.

Formosinho, O., J., Gambôa, R., Formosinho, J., & Costa, H. (2011). *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.

Gaspar, D., M., P. (2010). *Avaliação das crianças na educação pré-escolar: uso do portfolio como instrumento de avaliação*. Universidade do Minho

Guimarães., E., & Many., S. (2006). *A metodologia de trabalho de projeto*. Lisboa: Areal Editores.

Leite, E., & Malpique, M., R., S. (1992). *Trabalho de projeto. 2. Leituras comentadas*. Porto:Edições Afrontamento.

Leite, C., & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Lopes, J., Silva, S. H. (2015). *Aprendizagem cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel

Lopes, J., Silva, S., S. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula*. Lisboa: Lidel

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., & Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência. Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Marques, A.C. (2015). *A ciência no mundo das crianças: um estudo sobre o trabalho prático e experimental em educação pré-escolar*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Isec

Matos, J. M., & Gordo, M. F. (1993). Visualização espacial: algumas actividades. *In Educação e Matemática*, 26, 13-17.

Macedo, L. (2002). Desafios à prática reflexiva na escola. *In Pátio*, 26, 12-15.

Matos, J.M., Serrazina, M.L. (1996). *Didática da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Migueis, M., R., & Azevedo, M., G. (2002). *Novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Oliveira, F. L. (1989). *Educação ambiental: guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. Lisboa: Texto Editora

Pacheco, J. A. (1994). *A avaliação dos alunos na perspectiva da reforma: Propostas de trabalho*. Porto: Porto Editora, Lda.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores; Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Malaga: Facultad de Ciencias de la Education.

Ribeiro, A., C., Ribeiro, L., C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rodrigues, D., R. (2016). *A infância da arte/ A arte da infância*. Viana do Castelo: Crédito Agrícola.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Málaga: Universidad de Málaga – Facultad de Ciencias de la Educación.

Ruivo, I. (2013). *A consciência fonológica :uma questão de práticas consistentes e sistemáticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. (2014). A consciência fonológica. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 2, 48 – 55.

Santos, M. (1991). Mudança conceptual na aprendizagem. In M. Oliveira (eds.). *Didática da biologia*. (pp.104-126). Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, H., S., Lopes, J. (2015). *Eu, professor, pergunto*. Lisboa: Pactor

Silva, I.L. (coor). Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Direção Geral de Educação- Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Asa.

Snachez, I.R. (1996). *Comportamentos e estratégias de atuação de sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Thouin, M. (2010). *Despertar as crianças para as ciências e as tecnologias: Experiências para crianças dos 3 aos 7 anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira., M., R., Vieira, C. (2005). *Estratégias de ensino/aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, R. M., & Vieira, C. (2005). *Estratégias do ensino aprendizagem: O questionamento promotor do pensamento crítico*. Lisboa: Instituto Piaget.

Yves, B., Paul, V., & France. (1989). *A ecologia na escola*. Lisboa: Instituto Piaget.

Zabalza, M., A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto: Edições Asa.

## **Webgrafia**

Secretaria de Estado de Energia (2011). *Legislação Ambiental Portuguesa*. Retirado de <http://w3.ualg.pt/~jmartins/Legisla%C3%A7%C3%A3oAmbientaPortuguesa.pdf>



## **Anexos**

## Anexo 1

(Proposta de trabalho utilizada na atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

1. Circula a verde as letras vogais e a azul as letras consoantes.

a j o f i t u v

2. Pinta apenas as imagens onde ouves o som da letra V.



3. Circula a lápis de carvão as letras t.

a f g e t c h t j s d t  
x t t l t u i t d f v j t  
d t r s t v f j t h t g

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_


## Anexo 2

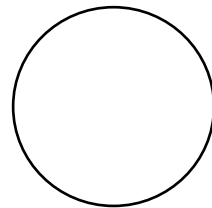
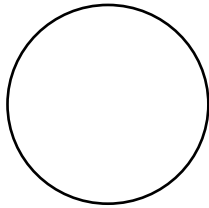
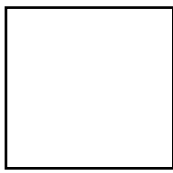
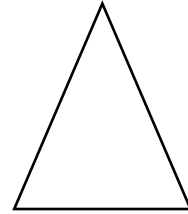
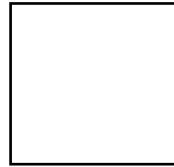
(Grelha de correção do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Parâmetros	1. Identificação de vogais e consoantes				2. Reconhecimento do som da letra "v"			3. Identificação da letra "t"			Total
Crítérios	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2	3.3	
Cotações	4	2	1	0	4	2	0	2	1	0	10
Alunos											
1	4					2		2			8
2		2				2				0	4
3	4					2			1		7
4	4					2				0	6
5	4					2		2			8
6	4				4			2			10
7	4					2				0	6
8		2				2				0	4
9	4					2			1		7
10	4						0			0	4
11	4				4			2			10
12	4					2				0	6
13	4					2		2			8
14	4				4			2			10
15	4					2		2			8
16	4					2				0	6
17	4				4			2			10
18	4				4			2			10
19	4						0			0	4
20	4					2			1		7
21	4					2				0	6
22	4				4					0	8

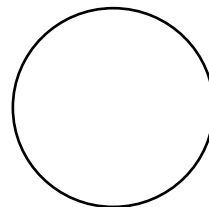
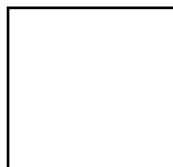
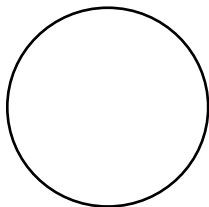
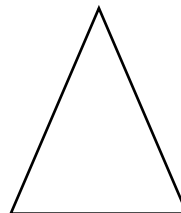
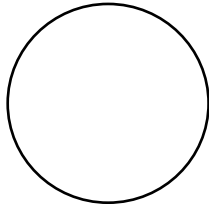
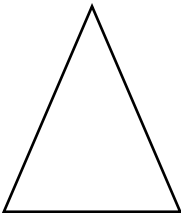
### Anexo 3

(Proposta de trabalho utilizada na atividade do Domínio da Matemática)

1. Pinta apenas os quadrados .



2. Pinta de verde os triângulos  e de azul os círculos .



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Anexo 4

(Grelha de correção do Domínio da Matemática)

Parâmetros	1. Identificação de formas geométricas de acordo com o indicado				2. Reconhecimento de triângulos e círculos			3. Motricidade fina			Total
CrITÉRIOS	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2	3.3	
Cotações	4	2	1	0	4	2	0	2	1	0	10
Alunos											
1	4				4				1		9
2	4					2			1		7
3	4				4				1		9
4	4				4			2			10
5		2				2			1		5
6		2				2			1		5
7	4					2			1		7
8	4					2			1		7
9	4				4				1		9
10	4					2			1		7
11	4				4				1		9
12	4					2			1		7
13	4				4				1		9
14	4				4			2			10
15			1			2		2			5

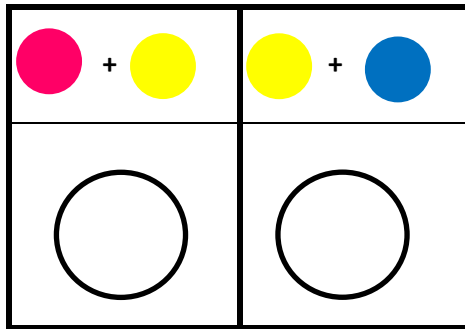
## Anexo 5

(Protocolo utilizado na atividade da Área do Conhecimento do Mundo)

### 1. Questão-problema:

Como fazer novas cores?

### 2. Previsões:



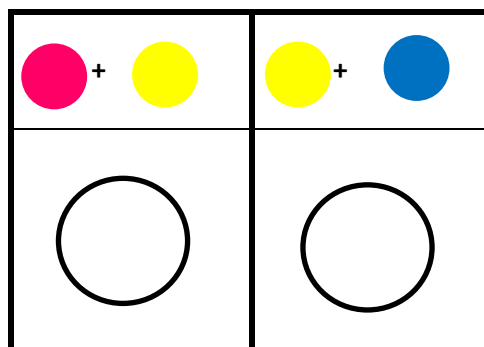
### 3. Material



### 4. Procedimentos



### 5. Resultados



### 6. Conclusão



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Anexo 6

(Grelha de correção da Área do Conhecimento do Mundo)

Parâmetros	1. Junção de duas cores para obter a cor laranja				2. Junção de duas cores para obter a cor verde				3. Motricidade fina	Total	
CrITÉRIOS	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	
Cotações	4	3	1	0	4	3	1	0	2	0	10
Alunos											
1		3				3				0	6
2	4				4				2		10
3	4				4				2		10
4			1			3			2		6
5	4				4				2		10
6			1			3			2		6
7	4				4				2		10
8	4				4				2		10
9			1			3			2		6
10			1			3				0	4
11	4				4				2		10
12	4				4				2		10
13	4				4				2		10
14	4				4				2		10
15	4				4				2		10
16	4				4				2		10
17	4				4				2		10
18	4				4				2		10

## Anexo 7

**Tabela 2** - Número de tampas por semana

	Semanas											
	out.	out.	out.	out.	nov.	nov.	nov.	nov.	dez.	dez.	dez.	dez.
Nomes												
A												
B												
C												
D												
E												
F												
G												